



**COMO UMA FAMÍLIA POMERANA
DO ES SE TORNOU A MAIOR
PRODUTORA DE INHAME DO BRASIL**

**ARRENDAMENTO É SAÍDA
PARA ALTO CUSTO DE TERRA
E ESCASSEZ DE MÃO DE
OBRA SUCESSÓRIA NO ES**

**ANIMAIS SILVESTRES
EM CATIVEIRO**

Cooperação contra a crise

COOPS NASCEM E SE UNEM PARA ENFRENTAR TURBULÊNCIAS DE MERCADO

CONEXÃO **SAFRA**

ANO 11 | EDIÇÃO 52 | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AGOSTO / SETEMBRO 2022



*E se o melhor para
o seu agronegócio
também for o melhor
para o mundo?*

**al
ter
nati
va**

Existe alternativa.

Com a nossa parceria, seu agronegócio cresce e faz todos em volta crescerem juntos. Escolha quem apoia o produtor e a produtora rural há 120 anos, reinveste recursos na sua região e ajuda a desenvolver a economia local. Oferecemos soluções financeiras ideais, taxas justas, atendimento especializado próximo, humano e digital, para seu agronegócio prosperar.

Escolha o Sicredi, onde o dinheiro rende um mundo melhor.

**Abra sua conta
com a gente lendo
o QR Code:**



 **Sicredi**

PRIMEIRA ANUIDADE

50
REAIS



WWW.MUTUA.COM.BR





[o] PEXELS



[o] DIVULGAÇÃO

10 CRISE DO GENGIBRE FAZ
NASCER NOVA COOPERATIVA

16 SAIBA COMO INVESTIR
SEU DINHEIRO
NO AGRONEGÓCIO
BRASILEIRO POR
MEIO DO FIAGRO

18 DAS PESSOAS, PARA AS
PESSOAS, PELAS PESSOAS:
COOCAFÉ APRESENTA SUA
NOVA "CENTRAL COOCAFÉ"

20 A NOVA ONDA DAS
TERRAS DE ALUGUEL



[o] DIVULGAÇÃO

38 AFTOSA: COM FIM DA
VACINAÇÃO OBRIGATÓRIA,
PECUARISTAS DEVEM
REDOBRAR CUIDADOS

40 DIRETORA DA MÚTUA
TIRA DÚVIDAS
SOBRE ENTIDADE

41 RURALTURES 2022
MOVIMENTA QUASE
R\$ 2 MILHÕES

42 ANIMAIS SILVESTRES
EM CATIVEIRO

46 SAFRA EM FOCO

48 "MUITA ORAÇÃO, POUCA
CACHACÁ": JOVEM
BRASWILEIRA ENTREGA
GARRAFINHA DE PINGA
AO PAPA FRANCISCO

28 FEIRAS AGRO VOLTAM
COM PÚBLICO E NOVAS
TECNOLOGIAS

50 SENAR-ES, A MAIOR
ESCOLA DA TERRA,
COMPLETA 29 ANOS

_Kátia Quevedez

Jornalista Responsável
Editora
28 99976 1113
MTb 18569 RJ

_Luan Ola

Projeto Gráfico / Diagramação

_Fernanda Zandonadi**_Leandro Fidelis****_Rosimeri Ronquetti**

Colaboradores da edição

_Foto Capa

Leandro Fidelis

_Circulação

Nacional

_Edição 52

AGOSTO/SETEMBRO 2022

_Assessoria Jurídica

Bastos e Marques Advocacia

A revista Conexão Safra

é uma publicação da
CONTEXTO CONSULTORIA
E PROJETOS EIRELI-ME
CNPJ: 06.351.932/0001-65

**_Endereço para
correspondência**

REVISTA CONEXÃO SAFRA
RUA RIO GRANDE DO SUL, 254
PAVIMENTO 2 - CENTRO
- GUAÇUÍ - ES
CEP: 29560-000

_Anuncie**Rita Sant'Anna**

Comercial
27 99528 0084

jornalismo@conexaosafra.com
comercial@conexaosafra.com

CONEXÃO

SAFRA

COMEFI®

COM. DE FERRO ITABIRA LTDA.

- ALUMÍNIO • BRONZE • COBRE • INOX • CORRENTES • TRILHOS • BOMBONAS
- MÓVEIS, ARMÁRIOS E ESTANTES DE AÇO • MOTORES E REDUTORES • MÁQUINAS PARA MADEIRA
- MÁQUINAS OPERATRIZES • TRANSFORMADORES • CORDOALHAS DE AÇO • CHAPAS PERFORADAS
- TUBOS ESPECIAIS PARA FORNALHA • LENÇOL DE BORRACHA • CABO DE AÇO



(28) 3521 5554 / 99996 7254 • www.comefi.com.br
• comefi@hotmail.com • comefici@gmail.com

Av. Aristides Campos, 536/568 Campo Leopoldina (próximo à Selita) - Cachoeiro de Itapemirim – ES



**Somos flecha,
somos arco: o 'escambo
moderno' que alavanca as
cooperativas capixabas**

FERNANDA ZANDONADI
 safraes@gmail.com

*"Uma gata, o que é
 que tem? As unhas
 E a galinha, o que
 é que tem? O bico
 Dito assim, parece até
 ridículo um bichinho
 se assanhar
 E o jumento, o que é
 que tem? As patas
 E o cachorro, o que é
 que tem? Os dentes
 Ponha tudo junto e de repente
 vamos ver o que é que dá"*

A peça de teatro infantil "Os Saltimbancos", versão de Chico Buarque de "I Musicanti", mostra que a união faz a força. E, num mundo em que grandes empresas buscam um lugar ao sol numa luta acirrada por rapidez e eficiência, as cooperativas encontraram um caminho pronto para ser trilhado por aqueles que cooperam entre si.

*"Junta um bico
 com dez unhas
 Quatro patas, trinta dentes
 E o valente dos valentes
 Ainda vai te respeitar"*

A troca de experiências, serviços e produtos entre as cooperativas, a chamada intercooperação, pode ser vista como um escambo moderno. Um jogo de ganha-ganha em que o maior beneficiado é o cooperado. "Demos as mãos e estamos fazendo o que é possível para mitigar os efeitos da crise. Não é algo sistematizado, mas parcerias que são concretizadas quando há demanda e oportunidade", explica o presidente da Selita, Rubens Moreira.



Nova fábrica da Selita em Cachoeiro: intercooperação e produtividade

Há vários exemplos muito sólidos da intercooperação entre as coops capixabas. Caso das cooperativas de Laticínios Selita e a Agrária Mista de Castelo (Cacal), que voltaram a negociar ração para o gado e leite. "Além de ficar mais barato, estamos trabalhando com parceiros de longa data, que conhecemos. Processamos o leite dos associados da Cacal - de quem compramos também ração - e da Clac (Cooperativa de Laticínios de Alfredo Chaves). Quando eles entram em licitação, produzimos leite em pó e iogurte. Eles encomendam, nós produzimos".

Não tem muito tempo, a Cooperativa Agropecuária Centro Serrana (Coopeavi) entrou no ramo de leite, incorporando a Veneza. Desde 2019, a cooperativa tem uma indústria de laticínios em Nova Venécia. Na planta industrial, não produzem o leite UHT, apenas resfriados como queijo, manteiga e requei-

jão. Um portfólio diferente da Selita. Daí entra a parceria. "Estamos fechando que, quando eles precisarem, vamos produzir leite em pó para eles. Eles enviam o leite, e nós cobramos um preço pela produção, transformação do produto, embalagem".

A logística também é um ponto chave para que essa história dê certo. A Selita, com sua fábrica no Sul do Espírito Santo, tem cooperados em locais mais remotos. "A Coopeavi tem, em Nova Venécia, uma planta industrial. Nós temos aqui em Cachoeiro. Como não temos linha de captação em Santa Leopoldina, eles captam para nossa cooperativa. Nós, por outro lado, captamos o leite em Afonso Cláudio, onde eles não têm linha, mas tem produtores associados. É uma cooperação interessante porque o frete de coleta está caríssimo".

"TODOS JUNTOS, SOMOS FORTES, SOMOS FLECHA, SOMOS ARCO

O projeto de intercooperação deu tão certo que as coops capixabas vão se unir para um projeto ainda mais

[o] HELIO FILHO

ambicioso: uma indústria de produtos veterinários. Segundo Rubens Moreira, o projeto - que já entrou em pauta em outra ocasião - voltará a ser discutido em 2023. "Queremos estruturar esse projeto junto às cooperativas de laticínios capixabas. A ideia é produzir itens veterinários para a pecuária de leite, mas isso pode abranger também a avicultura e a suinocultura".

A proposta busca a participação de seis coops: Selita, Cacal, Coopeavi, Colamisul, Clac e Colagua. Uma das sugestões é o uso da planta industrial da Selita, que fica em Cachoeiro de Itapemirim e tem 2 milhões de metros quadrados, espaço mais do que suficiente para a fábrica.

"No primeiro momento não conseguimos atender a toda demanda, pois são milhares de produtos. Mas temos condições de crescer em um curto espaço de tempo e expandir nacionalmente. Crescer muito. Isso tudo com intercooperação. Seria uma marca eleita por todas as cooperativas e elencaria os medicamentos e fármacos mais usados para pecuária, aves e suíños. Vamos voltar com a proposta, internamente, em 2023".

"TODOS NÓS NO MESMO BARCO, NÃO HÁ NADA A TEMER"

Mais de 1 bilhão de pessoas, ou 12% de todas as pessoas do mundo, fazem parte de alguma cooperativa. No Espírito Santo, são 119 coops registradas até dezembro de 2020, somando mais de meio milhão de cooperados, número que representa um crescimento de 15,5% em relação ao ano anterior.

De 2018 a 2020, no entanto, o número de cooperativas em terras capixabas caiu 6,3%, passando de 137 para os atuais 119. Vários fatores influenciaram essa queda, entre elas, a incorporação de uma cooperativa por outra, como forma de ganho estratégico e redução de custos. E a crise sanitária causada pelo novo coronavírus, com impacto direto na economia mundial, foi a responsável pela queda.

"Parte da redução observada nos dados de 2020 pode ser atribuída ao impacto da pandemia de Covid-19 sobre a atividade

econômica [...], já que a tendência, sem a pandemia, seria de expansão, como ocorreu de 2018 para 2019, quando houve crescimento de 5,5%", informa o Anuário do Cooperativismo Capixaba de 2021.

Parafraseando o filósofo alemão Frederick Nietzsche, que escreveu: "o que não me mata, me fortalece", na crise mundial a intercooperação mostrou ainda mais força. A união entre cooperativas ocorre por meio das estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais. Pode ser feita entre cooperativas do mesmo sistema, com cooperativas de outros sistemas e com cooperativas de outros ramos do cooperativismo.

"AO MEU LADO HÃ UM AMIGO QUE É PRECISO PROTEGER"

Foi nessa sinergia que, no segundo semestre de 2021, duas cooperativas de Santa Maria de Jetibá - Coopeavi e CoopeTranserrana - firmaram uma aliança estratégica de intercooperação para fortalecer o sistema de transportes dos dois grupos. Com a pandemia e consequente interrupção das aulas presenciais, a CoopeTranserrana, até então forte no ramo de transporte escolar, passou a atuar também no transporte de cargas. Do outro lado da oferta, a

Coopeavi tinha uma grande demanda pelo serviço e terceirizava boa parte dele. Uma mão lavou a outra.

A intercooperação foi benéfica para os dois lados. Para a cooperativa de transporte, gerou novos associados: foram, ao menos, 200 depois do processo. E a tendência é que essa união permaneça e se amplie, chegando ao transporte de adubos. "É um segmento estrategicamente muito importante para a cooperativa e não perderemos o foco nessa operação", destacou o presidente da CoopeTranserrana, Ederson Jacob.

"E NO MUNDO DIZEM QUE SÃO TANTOS, SALTIMBANCOS COMO SOMOS NÓS"

Durante as feiras de negócios Agro Coopeavi, em julho deste ano, em Nova Venécia e Santa Maria de Jetibá, a cooperativa de transporte aproveitou a oportunidade para captar novos motoristas para o transporte contínuo de adubo, ração e produtos agro em geral no pós-evento.

Segundo o gerente de Logística da Coopeavi, Raul Vieira, o desafio da cooperativa e da CoopeTranserrana é realizar, até dezembro, mais de 4.000

A INTERCOOPERAÇÃO PODE SER VISTA COMO UM ESCAMBO MODERNO. UM JOGO DE GANHA-GANHA EM QUE O MAIOR BENEFICIADO É O COOPERADO

entregas extras relacionadas à captação de novos motoristas durante as feiras. "Em Nova Venécia, conseguimos até motorista para captação de leite, que nem era o foco da nossa estratégia", disse.

Somando-se às entregas previstas pós-feiras e as já em andamento com os cooperados do quadro social, estima-se que entre julho e dezembro serão mais de 20 toneladas de adubo, mais de 15 mil de ração, além de 250 sacas de café para retirar do campo, com fretes no Espírito Santo e Leste de Minas Gerais.

Na lógica da intercooperação, a CoopeTranserrana usa o preço do diesel como indexador da tabela do frete, o que deixa "o motorista mais motivado a prestar o serviço. Se aumenta o diesel, o valor do frete também aumenta", explica Raul Vieira.



Raul Vieira, gerente de Logística da Coopeavi

JEEP É NA VITÓRIA MOTORS JEEP!



FALE AGORA
COM UM
CONSULTOR
ONLINE



Cachoeiro: 28 3322-5200

www.vitoriamotorsjeep.com.br

VITÓRIA
MOTORS

Jeep®

GRUPO
AGUIABRANCA



JUNTOS SALVAMOS VIDAS.
Jeep® é marca registrada da FCA US LLC.

COM FOCO EM SUSTENTABILIDADE E NA
VALORIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR,
A COOPGINGER REÚNE 50 PRODUTORES DAS
MONTANHAS CAPIXABAS



Crise do gengibre faz nascer nova cooperativa

FERNANDA ZANDONADI
 safraes@gmail.com

O gengibre está sempre sujeito às oscilações do mercado. No Estado maior produtor brasileiro e maior exportador mundial, 2020 foi um ano positivo, seguido de outro nem tanto. No ano passado, a alta dos insu- mos e do frete impactou o comércio da raiz na região produtora compreendida entre Domingos Martins, Santa Leopoldina e Santa Maria de Jetibá, que concen- tra 80% da produção nacio- nal e onde a caixa já chegou a ser vendida a R\$ 150.

Atualmente, o agricultor está praticamente pagando para trabalhar. Enquanto o preço da caixa de aproxi- madamente 14 kg é de R\$ 20 a R\$ 25 (contra os R\$ 100 em 2021), o custo de produção fica entre R\$ 35 a R\$ 40. E devido ao baixo consumo interno, a saída é o comércio internacional da raiz. No entanto, os pedidos, antes de dez a 15 contêineres, minguaram a no máximo três e só foram realizados a partir de maio. Até agosto, a exportação reduziu mais que a metade, ao mesmo tempo em que a produção aumentou.

É nesse contexto que surgiu, em novembro, a Co- operativa dos Produtores de Gengibre da Região Serrana do Espírito Santo (Coo- pGinger). Com foco em sustentabilidade e na valoriza- ção da agricultura familiar, a jovem entidade reúne 50 cooperados, que produzem 400 toneladas por mês. Apesar da crise mundial- refexo da guerra na Ucrânia



Leonarda Plaster é uma das três mulheres atualmente à frente de cooperativas agro no Estado

e também da pandemia-, o grupo continua de mãos das na busca por melhores condições de vida e trabalho.

“Ansiamos que esse merca- do melhore e a gente consiga comercializar logo. Com a crise mundial, o produtor não está tendo o retorno necessário para investir no plantio”, declara Leonarda Plaster, primeira presidente eleita da cooperativa, otimista com a mudança de cenário nos próximos dez meses.

Desde os primeiros encon- tros, a CoopGinger contou com a assessoria do Institu-

to Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) e da União Nacional das Cooperativas de Agricultura Familiar e Economia Solidária (Unicafes). Os sócios foram instruídos sobre cooperativismo e ges- tão por meio de cursos de capacitação. Para muitos, foi o primeiro contato com o movimento econômico e social baseado na doutrina da colaboração.

“Na região tem a cooperativa de crédito (Sicoob), mas não de produ- tores. Agora, nossos cooperados estão conhecendo, se familiarizando e gos- tando da ideia. Eu mesma não sabia todos os benefícios do cooperativismo, de unir forças, como estou conhecendo

A PRIMEIRA REUNIÃO DA COOPGINER ACONTECEU EM JULHO DE 2021. EM SETEMBRO, 33 SÓCIOS-FUNDADORES REALIZARAM A ASSEMBLEIA DE CONSTITUIÇÃO DA COOPERATIVA, COM SEDE EM CARAMURU DE BAIXO, ZONA RURAL DE SANTA LEOPOLDINA. DOIS MESES DEPOIS, A COOPGINGER SE TORNARIA PESSOA JURÍDICA PARA ATUAR NUM MERCADO QUE, EM 2020, GEROU FLUXO FINANCEIRO DE R\$ 47 MILHÕES NA SUA REGIÃO DE ATUAÇÃO

agora. E vejo a quantidade de vantagens de trabalhar juntos", diz a presidente.

Produtora e advogada, Leonarda recorreu a todos os elementos para respaldar a recém-formada cooperativa e gerar credibilidade junto ao mercado para, consequentemente, firmar contratos. O carro-chefe da CoopGinger é o gengibre, mas a entidade está apta a atuar no comércio de outros produtos agrícolas. "Contamos com assessorias contábil, jurídica, logística e de exportação, bem como com parcerias no mercado interno e no exterior. Temos contato e apoio direto do Ministério de Agricultura, que está nos auxiliando para começarmos a exportar gengibre".

LOGÍSTICA INVÍAVEL

Em regra, a exportação do gengibre para Estados Unidos e Europa é feita através de contêineres refrigerados. O porto mais próximo é o de Sepetiba, no Rio de Janeiro. Depois, outras opções seriam os portos de Santos ou Salvador, porém o custo com a logística torna inviável quaisquer transações no momento.

De acordo com Leonarda Plaster, não foi somente o valor do frete marítimo que aumentou, mas principalmente o do frete rodoviário no Brasil. O alto custo para escoamento do produto fez os agricultores buscarem outras alternativas de renda

na propriedade. Muitos adiaram a colheita da raiz e optaram por outras culturas, como cará, inhame, açafrão e batata-doce.

"Estamos sem chances de competir com o mercado internacional. O custo da logística no processo de exportação aumentou de forma excessiva, principalmente o frete rodoviário no país", relata.

A alta do frete também afetou a exportação do baby ginger, um gengibre de formato menor só produzido de janeiro a março. Por ser perecível, o baby ginger só pode ser transportado por via aérea.

Outro ponto fundamental para a cadeia do gengibre funcionar é o escoamento local do produto no meio rural. Para Leonarda, a solução seriam a pavimentação e a manutenção das estradas para melhorar o acesso tanto para o recolhimento do produto nas propriedades como também e, principalmente, aos contêineres nos packing house.

"Temos localidades onde não é possível a chegada do contêiner para retirada do gengibre. Sem contar as dificuldades do processo no trânsito local, mais precisamente no Centro de Santa Leopoldina, com vias estreitas e não estruturadas para o fluxo desses veículos em sentidos opostos. Em um trecho de aproximadamente 300 a 400 metros, às vezes temos atraso de horas até a liberação do fluxo do trânsito".



LEIA MAIS

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code

OTIMISMO PARA FAZER A DIFERENÇA

Mesmo com todos os desafios dos primeiros meses de atuação da CoopGinger, o grupo está otimista com a possibilidade de dias melhores e busca fortalecer a união pelo sucesso da cooperativa. "Os atravessadores aproveitam muito de nós. A cooperativa fará

toda a diferença", afirma o cooperado Hilário Plaster.

Para os produtores de gengibre, a CoopGinger é a esperança de mudança e de condições mais jus-

tas. "A situação não está fácil, mas quando unidos, a força é maior. A gente vê que cada produtor faz sua parte. Todos unidos, querendo fazer a dife-



rença. E isso traz esperança para o grupo”, observa **Natália Plaster**.

A presidente da cooperativa analisa que os 50 associados se sentem pertencentes a uma família. “Nós mantemos uma comunicação diária, totalmente diferente do que acontecia antes. Isso é gratificante porque era cada um por si e Deus por todos, e agora, todos se sentem mais amparados e com oportunidade de trabalhar em conjunto, buscando melhorias para todos, pois o retorno não será imediato. Não é só o comércio do gengibre que importa e, sim, trabalhar com mais gente, mais força, em conjunto”, diz Leonarda.

“(...) ERA CADA UM POR SI E DEUS POR TODOS, E AGORA, TODOS SE SENTEM MAIS AMPARADOS E COM OPORTUNIDADE DE TRABALHAR EM CONJUNTO”
(LEONARDA PLASTER)

QUALIDADE E SUSTENTABILIDADE NA PAUTA

A Cooperativa dos Produtores de Gengibre da Região Serrana do Espírito Santo (CoopGinger) caminha para a obtenção de certificações internacionais em reconhecimento à qualidade e adoção de práticas sustentáveis nas propriedades dos 50 cooperados. Os trabalhos ainda estão no início, mas a cooperativa mostra capacidade

de organização para ter esse diferencial na produção.

Só para ter ideia, o mercado internacional proíbe alguns defensivos específicos que, embora autorizados no Brasil, não são aceitos pelos clientes. Por essa razão, a CoopGinger procura adequar a forma de os agricultores trabalharem na produção, com foco 100% em qualidade e sustentabilidade.

Segundo a presidente, Leonarda Plaster, são passadas algumas orientações sobre padrão de qualidade, como por exemplo, quais insumos e defensivos utilizar conforme a legislação interna. Dentre as certificações internacionais almejadas uma é a “Global Gap” e outra, de produtos orgânicos. Além da adequação das propriedades rurais, o selo não prevê espaço mínimo ou máximo da área de produção.

“Nos últimos meses, a qualidade do gengibre caiu e o conceito do gengibre brasileiro sofreu uma queda. A coope-

rativa tem total interesse em trabalhar de forma organizada e recuperar a boa fama, colocando nosso gengibre como o melhor do mundo de novo”, ressalta Leonarda.

Dentro da proposta de uma produção mais sustentável, a presidente destaca a necessidade da desburocratização de licenciamentos ambientais de impactos locais que envolvem atividades voltadas para propriedades. O objetivo é trazer melhoria para os agricultores de base familiar, fortalecendo a agricultura local e a colocando na legalidade.

“Com processos menos burocráticos, mais céleres e menos onerosos. Outro ponto importante seriam ações, por parte do governo, voltadas para o reconhecimento de produção integrada de raízes envolvendo os países compradores de gengibre. Isso evitaria gastos à parte com tantas certificações”, ressalta a presidente.

“Hoje, a gente percebe que todos estamos virando reféns das grandes empresas. E cada um de nós, separadamente, não vai conseguir lá na frente, principalmente nossos filhos, ter dignidade cada um por si. Por isso a importância da cooperativa nos representando lá na frente, olhando por nós”.

Schaeffer reconhece que o mercado está cada vez mais exigente na qualidade e procedência do produto e afirma tentar fazer o máximo possível na lavoura, sempre com foco em resultados.

O gengibre cristalizado virou uma febre na região de Caramuru de Baixo. A produtora e cooperada Luzia Calot comercializa sacolas do doce a R\$ 2,00 cada entre os vizinhos. “Quem conhece acha uma delícia e encomenda mais”, conta.

Por ser um alimento termogênico, pois acelera o metabolismo e ajuda a emagrecer, o gengibre acaba sendo muito consumido por praticantes de atividades físicas. “Faço chá de gengibre toda manhã antes dos exercícios. Inclusive na academia também tem em pedacinhos para os alunos. Dá muita energia e disposição. Também faço muito uso da raiz em caldos e sopas porque gosto da sensação do quente com o refrescante do gengibre”, diz Márcia Abreu, moradora de Venda Nova do Imigrante.

AGREGAÇÃO DE VALOR

A cooperativa também quer gerar negócios para o gengibre dos associados além do comércio da raiz *in natura*. De acordo com o produtor e secretário da CoopGinger, Rafael Luiz Costa, a diretoria estuda outros tipos de processamento da matéria-prima. “O mercado abrange muitas possibilidades de consumo, como por exemplo, gengibre em pó, desidratado, cristalizado, doces, bebidas, entre outros”, diz.



O GENGIBRE CRISTALIZADO VIROU UMA FEBRE NA REGIÃO DE CARAMURU DE BAIXO (SANTA LEOPOLDINA)



LEIA MAIS
Aponte a câmera do seu celular para o QR Code



A produtora Tânia Pagung, de Santa Maria de Jetibá, participa ativamente ao lado do marido da condução da roça

REPRESENTATIVIDADE FEMININA

Leonarda Plaster é uma das três mulheres atualmente à frente de cooperativas agro no Estado. Na CoopGinger, elas representam um terço das sócias-fundadoras. “É muito importante a participação das mulheres, porque na região elas começam desde criancinha. O trabalho de homem e mulher não tem muita diferença. Elas são guerreiras, põem a mão na massa, e esse tem sido diferencial também na cooperativa”, destaca a presidente.

Para Leonarda, as mulheres apresentam empenho maior em fazer “acontecer”, porque correm atrás e batalham para dar certo. “Todas as envolvidas na cooperativa têm essa qualidade, de não ter medo do batente, trabalhar de sol a sol. São donas de casa, babás e produtoras ao mesmo tempo. Isso contribuiu muito para a cooperativa. A gente precisa de ação”, diz. “A mulherada tem mais força de vontade e é mais criativa”, completa a cooperada Natália Plaster.

A produtora Tânia Pagung, mulher do cooperado Sebas-

tião Schaeffer, de Santa Maria de Jetibá, participa ativamente ao lado do marido da condução da roça. Ela afirma não ver diferença em ter uma mulher à frente da CoopGinger, mas a capacidade da presidente para ocupar esse posto.

“O grupo acreditou nela (Leonarda) para liderar a cooperativa. Como mulher, ela sabe da nossa luta. Homens também lutam muito na roça, mas a mulher tem uma jornada muito difícil e ainda encontra tempo para participar da cooperativa”.

ENTREVISTA

Saiba como investir seu dinheiro no agronegócio brasileiro por meio do Fiagro

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRAsafraes@gmail.com

O agro brasileiro não para. E o mercado de capitais notou esse potencial e abraçou o Fundo de Investimento em Cadeias Agroindustriais (Fiagro). Na prática, o poupadão, aquele que tem um dinheiro guardado, vai emprestar para o produtor rural. Claro, como tudo no mercado financeiro, há regras e riscos, afinal, estamos falando de uma indústria a céu aberto, sujeita às intempéries. Mas é difícil pensar que um segmento essencial para a sobrevivência humana e, atualmente, pressionado por conta de guerras e crises energéticas, possa gerar prejuízos. O ex-secretário de Agricultura do Espírito Santo, produtor rural e atual diretor de agronegócios na EloGroup, Octaciano Neto, lida diretamente com os desafios do setor e fala sobre as benesses de investir no Fiagro e financiar o agronegócio brasileiro. Confira na entrevista:

Octaciano, quais são as formas de financiamento da produção hoje em dia e como o Fiagro entra nessa equação?

O produtor tem algumas formas de financiar uma produção. Tem o Plano Safra, do Governo Federal, tem operações de barter, que é uma espécie de escambo americanizado, quando o produtor pega insumos e paga com produtos. Há ainda o mercado de crédito, que é quando o banco ou cooperativa de crédito usa o dinheiro dos poupadões e empresta para o produtor. O risco de inadimplência é todo do banco, que vai arcar com o prejuízo caso o tomador do empréstimo não pague. Há também o mercado de capitais, que funciona quando nós temos um

valor e queremos aplicar o dinheiro. Pode ser na poupança, em ações ou em cotas de um Fiagro. Nesse caso, o risco é do poupadão. Na prática, o Fiagro é um novo instrumento para financiar e colocar mais dinheiro no agronegócio brasileiro. Ele supre essa necessidade da falta de crédito do Plano Safra, que oferece um terço do crédito necessário hoje em dia.

O pequeno produtor rural tem acesso a esse dinheiro?

Hoje ainda não é possível o produtor, ao menos o pequeno, ter acesso a esse dinheiro, porque a gestora tem que conhecer o histórico daquele para quem vai emprestar. E fazer esse reconhecimento individual ficaria muito caro. Mas temos cooperativas que têm balanço, são auditáveis. Então ela pode pegar dinheiro de um Fiagro e, aí sim, ela mesma financiar o produtor.

E para o poupadão, vale a pena investir no agronegócio?

Vale a pena sim. Mas tudo que ouço dos especialistas é que o poupadão não deve colocar mais de 30% do seu dinheiro num setor apenas. Se sou poupadão,

a ideia é colocar uma parte do meu dinheiro no Fiagro para emprestar ao agro, mas tenho que colocar nos outros setores, como energia e tecnologia, por exemplo. Todos os setores têm riscos. Não há investimentos sem risco.

Como começar, na prática, a colocar dinheiro no agro brasileiro?

É preciso usar home-broker (sistema oferecido por diversas empresas para conectar seus usuários ao pregão eletrônico no mercado de capitais e no mercado de private equity). Atualmente, temos 25 Fiagros listados na bolsa. Há cotas que custam R\$ 10 e podem ser compradas em segundos. Tem que olhar os relatórios e escolher duas ou três e investir. E é esse dinheiro do investidor que a gestora empresta para produtores e operações de agro.

Há riscos em investir no agronegócio?

O agro é o setor mais essencial da economia mundial. A maior parte do agro é alimento. E não há nada de mais relevante para uma sociedade do que alimentação. Mas o agro não para por aí. Ele produz comida, energia, fibras. Todos setores

essenciais. Desde a tropicalização das técnicas de agricultura – elas foram pensadas para países temperados, mas conseguimos adaptá-las -, o agronegócio brasileiro cresceu e hoje alimenta 10% da população mundial. É um setor de muito risco, já que é uma indústria a céu aberto, mas os produtores aprenderam muito bem como lidar com esse risco.

De que forma podemos melhorar esse processo de investir no agro?

É um sonho o processo de uma cadeia de crédito sem intermediários. Há muita gente entre o poupador, que põe dinheiro no Fiagro, e o produtor, que busca

esse crédito. E todos ganham um pouco e, claro, fica mais caro para o produtor. Com as tecnologias digitais a ideia é individualizar o risco de crédito, com algoritmos fornecendo dados sobre esse risco de crédito de todos os produtores. Isso diminui o custo de captar um novo cliente e emprestar dinheiro para ele. Quando todo esse processo for digital, o custo ficará muito mais barato.

Muitos países subsistem suas produções. No Brasil, isso ainda é raro. Como o senhor analisa esse processo?

O Brasil, se comparado a outros países, tem poucos subsídios para sua agricultura. Mas essa, no fim das

contas, foi uma boa estratégia. Setores que não são subsidiados se reinventam e hoje são competitivos. Sobretudo a partir da década de 1990, caiu o investimento federal de 9% para menos de 2%. Então, precisamos desenvolver tecnologias e buscar formas de tornar o negócio competitivo. Eu olho o copo meio cheio, e digo que, por não ter subsídio, somos mais competitivos.

"O FIAGRO É UM NOVO INSTRUMENTO PARA FINANCIAR E COLOCAR MAIS DINHEIRO NO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO"

[o] DIVULGAÇÃO



Das pessoas, para as pessoas, pelas pessoas: Coocafé apresenta sua nova “Central Coocafé”

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
safraes@gmail.com

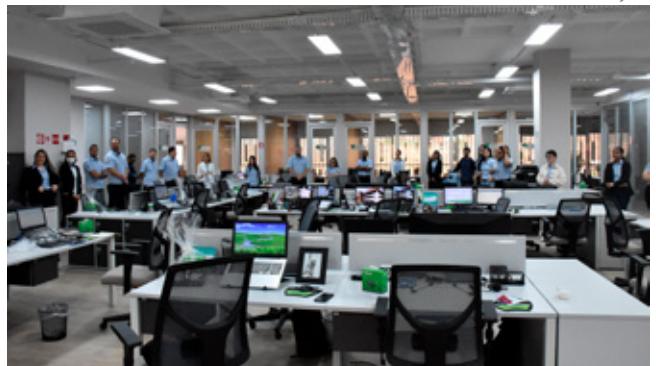
A Coocafé, no mês de setembro, abre oficialmente as portas de sua nova Central Coocafé, no Córrego do Areado, em Lajinha (MG). O local, a partir desse momento, passa a abrigar a unidade comercial Lajinha, o Centro de Serviços Compartilhados e o Laboratório de Cafés. Todas as três estruturas agora integradas aos Armazéns Gerais Minas e à Fábrica de Rações.

Conforme ressalta o diretor presidente da Coocafé, Fernando Cerqueira, o local foi totalmente idealizado com foco em pessoas. “Projetamos tudo para que nossos públicos tenham a melhor experiência, em todos os momentos”, diz. “Todo o conceito da Central Coocafé está sustentado em três pilares: cooperativismo, inovação e pessoas. Devemos sempre lembrar de nossas raízes e princípios, por isso o cooperativismo”, prossegue Cerqueira. “Da mesma forma, precisamos de novas ideias e cabeça no futuro, ou seja, sermos inovadores. E tanto nossa história quanto nosso futuro, passam pelas pessoas”, enfatiza.

A estrutura da loja Lajinha agora ganha um espaço amplo e moderno, pensado para receber o cooperado e sua família com todo conforto e comodidade, contando inclusive com uma área para crianças. O diferencial fica por conta do Empório Coocafé, uma cafeteria pensada para propiciar aos visitantes, dentro da loja, uma experiência única ao apreciar o que o café pode oferecer de melhor.

O Centro de Serviços Compartilhados e o Laboratório de Cafés também ganham ambientes inovadores, alinhados com as

[e] DIVULGAÇÃO



tendências mais atuais, com total conforto para os colaboradores e também os públicos. Além disso, a Central Coocafé ainda dispõe de um espaço para eventos

com amplo auditório. A partir do dia 30 de setembro, toda estrutura da Coocafé em Lajinha já funciona no Córrego do Areado e espera por cooperados e visitantes.



A MAIOR GARANTIA
DO MERCADO BRASILEIRO

Mahindra

Tratores



GUAÇUÍ



LINHARES

ALÉM DA LINHA COMPLETA DE TRATORES, PEÇAS E IMPLEMENTOS, O PROPÓSITO DO GRUPO VITTACAR
É TRAZER AS MELHORES SOLUÇÕES E ASSISTÊNCIA TÉCNICA AOS PRODUTORES RURAIS.



Com lojas em Guaçuí e Linhares, a Mahindra - maior fabricante de tratores do mundo, chega ao Espírito Santo, trazendo sua linha completa de tratores, peças, implementos e assistência técnica. O nosso agro é a força que move o país e alimenta o mundo .



A nova onda das terras de aluguel

Katiely e Pedro Henrique enxergaram grandes oportunidades no potencial tecnológico da região de Linhares

_POR ROSIMERI RONQUETTI
_safraes@gmail.com

Prática comum e legalizada, feita entre o proprietário da terra (o arrendador) e quem irá utilizá-la (o arrendatário), os arrendamentos funcionam como se fossem um aluguel da terra por determinado período. Em geral, são feitos para diferentes tipos de lavoura ou atividade pecuária com foco na pastagem.

No Espírito Santo, a prática é muito comum, porém, desde que deixou de ser obrigatória a homologação dos contratos nos sindicatos rurais, não existem dados estatísticos relativos aos números sobre arrendamento.

O casal de noivos Kattiely Wruck (27) e Pedro Henrique da Silva (30), ambos engenheiros agrônomos, estudou junto e, ainda na faculdade, sonhava empreender em Marechal Floriano, cidade de Kattiely. Entretanto, os planos mudaram quando foram contratados para trabalhar em uma empresa de defensivos em Linhares.

O casal enxergou grandes oportunidades no potencial tecnológico da região assim que chegou ao município. Sem capital para comprar um terreno, antes mesmo de se casar, eles saíram em busca de uma área para arrendar, conta Kattiely.

“Sempre tivemos um lado empreendedor. Pensávamos em voltar para a casa dos meus pais e montar uma estufa de tomate, mas os planos mudaram quando conseguimos emprego em Linhares. Como não



[o] ARQUIVO PESSOAL

A advogada Julia Bastos, que já conciliava a advocacia com os cuidados com um sítio da família em Fundão, onde produz café, e sem querer se desfazer do terreno em Aracruz, resolveu disponibilizá-lo para arrendamento

temos capital para adquirir terra, arrendar é a forma mais “barata”, relata a agrônoma.

Pedro e Kattiely procuram uma propriedade em Linhares ou Sooretama e pretendem conciliar a lida no campo com o emprego, assim como fazem os colegas de trabalho. A ideia é plantar café.

“Queremos arrendar na região para ficar perto de casa

e fazer o que nós sabemos de melhor, que é produzir. Pretendemos plantar café, uma cultura de baixo risco, que demanda relativamente menos mão de obra, e consequentemente, garante ótimo retorno econômico”, diz Pedro.

Se para Pedro e Kattiely arrendar uma área continua sendo desejo, para o produtor rural Marcelo Brás Frigi (38), de Rio Bananal, já é realidade. Há seis anos, ele arrendou 14 hectares no Córrego Santa Clara, interior do município,

BENÉFICO PARA AMBAS AS PARTES, CONTRATO É CADA VEZ MAIS COMUM NO AGRO CAPIXABA

[o] ARQUIVO PESSOAL



Há seis anos, Brás Frigi arrendou 14 ha em Rio Bananal para cultivar café por 12 anos

para cultivar café por 12 anos. O pagamento é feito anualmente após a colheita, e o valor pago corresponde a 10% da produção bruta.

Segundo Marcelo, ele plantou o café e, só após o início da colheita, começou a pagar pela locação. O produtor, que também é proprietário de terra na região, conta que mesmo tendo seu terreno e com todos os desafios da cafeicultura, ainda assim vale a pena fazer o arrendamento.

“Mesmo já tendo terra e com todos os desafios da cafeicultura, como clima, pragas e preço, vale a pena, pois o arrendamento nos proporciona resultados positivos. Sem contar que aumento minha produção sem precisar adquirir o terreno”, pontua o cafeicultor.

O OUTRO LADO

Se para o arrendatário é bom negócio, para o arrendador também é. Além da questão financeira, o arrendamento pode ser também a solução para algumas questões. Pedro Picoli (25), que administra as propriedades da família em Linhares e Pinheiros, conta que, para o pai, Amâncio Picoli, arrendar foi a saída para três diferentes situações.

“Um terreno no Sul da Bahia, inviável de ficar indo e voltando, outro em Pinheiros, arenoso, difícil de desenvolver algum tipo de agricultura. Então, arrendamos para produção de eucalipto, que é melhor do que deixar a terra parada. E em Linhares, quando eu era mais novo e estava estudando, meu pai, sem condições de tocar a terra, também arrendou. Para nossa realidade, o arrendamento foi uma solução”, conta.

Picoli afirma ser bom negócio quanto ao retorno financeiro. No caso dele, o pagamento do arrendamento é feito ao final de cada ciclo de produção.

Durante a seca de 2015 no Espírito Santo, o avô da advogada Julia Bastos (27) desanimou do trabalho no campo e se aposentou. Julia, que já conciliava a

advocacia com os cuidados com um sítio da família em Fundão, onde produz café, e sem querer se desfazer do terreno localizado na comunidade Santa Rosa, em Aracruz, resolveu arrendar.

“Eu tomo conta de um sítio em Fundão e tomar conta também desse outro em Aracruz ficou inviável, então decidi arrendar. Dessa forma, ele continuaria no nosso patrimônio, no nosso portfólio de negócios, mas sem me dar muito trabalho e tomar muito meu tempo”, explica.

O terreno arrendado é utilizado para criação de gado de engorda. O pagamento é mensal, com valor estipulado de acordo com a quantidade de animais. Para Julia, o arrendamento funciona principalmente para quem não quer se envolver no risco do negócio.

ou produzir. “É a melhor opção. Se a pessoa tem o terreno e não quer produzir, o arrendamento nada mais é do que um aluguel que vai tornar, de certa forma, a área produtiva e rentável, mas sem o trabalho e risco de toda atividade rural”.

No entanto, a advogada faz um alerta aos arrendados. Especialista em direito agrário, ressalta que proprietários rurais com apenas um terreno para arrendar, mas sem prática agrícola, devem se atentar para o risco de perder a condição de segurado especial junto ao Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) por não se enquadrarem como produtor rural.

“Aquele proprietário que só tem um terreno e dá esse terreno em arrendamento sem explorar a atividade rural, só aluga, não é considerado produtor rural. Acaba por perder a condição de segurado especial do INSS por não se enquadrar como produtor rural. Ele passa a ser somente arrendador”, finaliza Julia Bastos.

VANTAGENS DÓ NEGÓCIO

O engenheiro agrônomo e consultor rural Carlos Junior Delpupo (32) também resolveu investir na modalidade. Sem terreno próprio, arrendou 23 hectares de terra em Jataípeba, interior de Linhares. Nas palavras dele: “enquanto tiver essa facilidade de arrendar não penso em comprar”.

Para Delpupo, o arrendamento vem crescendo muito e tem vantagens para ambos,

arrendador e arrendatário. Segundo ele, muitos produtores buscam essa alternativa devido à falta de recursos para investir na aquisição do terreno.

“O arrendamento permite que o arrendatário inicie um negócio sem se descapitalizar. E dependendo da forma de pagamento combinada com o proprietário, os honorários podem ser pagos com a própria safra”, destaca o consultor.

Junior produz banana da terra, pimentão, quiabo e pepino japonês e está iniciando cultivo protegido de tomate cereja e pimentão colorido. O pagamento pela utilização do espaço é mensal.

O também engenheiro agrônomo e consultor nas áreas ambiental e crédito rural Bruno Sossai (37) concorda com Delpupo que arrendar é bom negócio e aponta ainda outras vantagens. Segundo ele, para o arrendador é solução na falta de sucessores e para o arrendatário, pelo elevado custo de terras no Estado.

“A vantagem no primeiro caso é que muitos proprietários não possuem sucessores no campo devido ao êxodo rural, tanto da parte dos herdeiros quanto dos trabalhadores rurais, cada vez mais escassos no meio rural”, destaca Sossai.

ESTATUTO DA TERRA

Para quem está em busca de local para arrendar, assim como o casal lá do início da matéria, é preciso ficar atento. De acordo com Gilberto Álvares Santos, advogado especialista em direito econômico, a prática é legalizada pelo chamado “Estatuto da

Terra”, que traz os direitos e deveres das partes envolvidas. Mas é preciso atenção também a outros pontos importantes.

O primeiro e mais relevante passo, segundo o advogado, é fazer um contrato para evitar problemas futuros. “Faça um contrato sempre, não deixe apenas combinado verbalmente. Além do contrato trazer clareza para o negócio e as normas comuns à lei, pode conter também outras questões de acordo com o desejo das partes e a realidade de cada terreno. É importante deixar claro o tipo de exploração, fazer uma descrição completa do terreno e observações de boas práticas agrícolas, entre outros”, pontua.

Ainda conforme o advogado, caso não seja feito o contrato e ocorra alguma divergência entre arrendador e arrendatário, o impasse será resolvido baseado apenas em leis que tratam do assunto e o Estatuto da Terra, e não levará em conta o que foi combinado “de boca”.

[o] ARQUIVO PESSOAL



O engenheiro agrônomo e consultor rural Carlos Junior Delpupo (32) também resolveu investir na modalidade

IRMÃOS KRAUSE, OS MAIORES PRODUTORES DO
ESPÍRITO SANTO, INVESTEM EM PLANTAÇÃO EM
MINAS GERAIS E ASSUMEM A LIDERANÇA NACIONAL



Inhame pomerano ganha o Brasil

Otavio e Olavo Krause são sócios nos negócios da família, que soma mais de 50 anos de dedicação à cultura do inhame

[o] DIVULGAÇÃO



Os irmãos Krause se estabeleceram no “Projeto Jaíba”, na cidade mineira de mesmo nome, distrito considerado o maior projeto de irrigação da América Latina

LEANDRO FIDELIS
safraes@gmail.com

A família Krause se dedica há mais de 50 anos à cultura do inhame em Laranja da Terra, na região Serrana do Espírito Santo. Apesar de serem os maiores produtores do tubérculo no Estado até 2020 e pioneiros no uso de tratores autônomos na cultura, na tentativa de avançar nos negócios para manter o município na liderança nacional, os agricultores pomeranos esbarravam em certos empecilhos.

Os implementos agrícolas não se adaptavam aos terrenos acidentados da região. Além disso, um decreto estadual passou a limitar a irrigação noturna da lavoura em períodos longos de estiagem - sem contar o cansativo tira e põe do sistema de aspersão antes, para plantar, e depois, para colher inhame. Outros entraves eram o

alto custo da mão de obra e dos terrenos para migrar os plantios para outros municípios.

Há cerca de dois anos, os irmãos Olavo e Otávio Krause extrapolaram as fronteiras estaduais para se tornarem os maiores produtores de inhame do Brasil. Eles arrendaram 150 hectares- num total de três pivôs centrais- no “Projeto Jaíba”, na cidade mineira de mesmo nome, distrito considerado o maior projeto de irrigação da América Latina. Com produção anual de 5,5 mil toneladas, o produto se destaca pela qualidade e é destinado a vários Estados brasileiros.

Com a rotina atribulada da dupla, a porta-voz da família é

Aline Krause, de 22 anos, filha do Olavo. Formada em Economia, a jovem cuida da parte administrativa e financeira dos negócios e relata a escassez de pesquisas com dados sobre a produção de inhame nacional, que inclusive fizeram falta na hora de concluir o seu projeto de graduação.

Porém, Aline confirma a liderança da produção brasileira do tubérculo a partir do conhecimento dos agricultores sobre o mercado.

“Meu pai e meu tio conhecem bem o mercado de inhame, lidam com muita gente, e não viram ninguém com a nossa dimensão. Nossos principais mercados compradores são o Sudeste e o Centro-Oeste do país, onde se baseia nosso levantamento”, diz Aline.

Olavo sempre apreciou a ideia de irrigar a lavoura de inhame com pivô central. Trata-se de um sistema de irrigação no qual

**COM PRODUÇÃO ANUAL DE 5,5 MIL TONELADAS,
O PRODUTO SE DESTACA PELA QUALIDADE E
É DESTINADO A VÁRIOS ESTADOS BRASILEIROS**

uma linha lateral suspensa por torres de sustentação dotadas de rodas e motores gira em torno de um ponto central, chamado de pivô.

Segundo a filha, o agricultor pesquisou muito até conhecer o “Projeto Jaíba”, cuja transposição do Rio São Francisco permite irrigar as terras em sistema de arrendamento. O solo favorável, a facilidade do plantio e da colheita mecanizada em área de planície e também da pulverização pesaram na decisão de migrar toda a produção para Minas.

A experiência do primeiro ano ocorreu em uma área arrendada com pivô de 54 hectares. Após o primeiro plantio, os irmãos Krause arrendaram o segundo pivô, totalizando 110 ha de cultivo de inhame. Em 2021, os agricultores expandiram a produção para um novo pivô, sendo, do total de cerca de 150 ha, um com a primeira safra na conta, um ainda para colher e outro com rotação de cultura com feijão, milho e soja.

Os irmãos Krause comercializam atualmente três variedades de inhame: Dedo, Dedo Fino e Cabeça. “A região não é tão mais quente que Laranja da Terra, por isso o inhame se adaptou bem. O verão é bem quente, e o clima, bastante seco. Se não tiver irrigação, as plantas não sobrevivem sob essas condições”, afirma Aline Krause.

GERAÇÕES DE PRODUTORES

A história dos Krause com o inhame começou com os avós paternos dos atuais sócios Olavo e Otávio. Ainda crianças, eles já estavam presentes, ajudando nas lavouras cultivadas pelo pai entre Laranja da Terra e Itarana. Desde então foi criado um vínculo muito forte entre os irmãos e a cultura do inhame.

No começo deste ano, os irmãos capixabas adquiriram uma propriedade de 100 hectares em Jaíba (MG). Eles instalaram dois pivôs centrais próprios, um em cada 50 ha do terreno, mas a área ainda não tem inhame plantado.

Nessa agora sede da empresa familiar, além de Aline Krause, a mãe, a tia e um casal de funcionários do Espírito Santo atuam no escritório. Os trabalhos contam ainda com outros cinco capixabas na colheita do tubérculo, que ocorre durante todo o ano.

A frota de tratores aumentou, mas somente um guiado por satélite está em atividade. “Muitos trabalhos ainda demandam a atuação do manobrista, a exemplo do trator que pega as bags”, explica Aline. No entanto, o veículo autônomo e cabinado ainda é uma tecnologia útil na rotina da fazenda, uma vez que prepara a terra para o plantio.

Como os pivôs são circulares, o trator programado faz o trabalho com precisão girando no entorno do eixo central. “As carreiras ficam retinhas”, conta Aline.

Na Agrishow deste ano, os irmãos Krause adquiriram um pulverizador automático. E assim, a família continua a busca constante por implementar alternativas tecnológicas e

O SOLO FAVORÁVEL, A FACILIDADE DO PLANTIO E DA COLHEITA MECANIZADA E TAMBÉM DA PULVERIZAÇÃO PESARAM NA DECISÃO DE MIGRAR TODA A PRODUÇÃO PARA MINAS GERAIS



sustentáveis na produção de inhame, garantindo produtividade e qualidade.

OS PROCESSOS

1º- A produção começa com a preparação do solo.

Essa etapa é de grande importância e proporciona condições favoráveis para o bom crescimento do tubérculo.

2º- Após preparo do solo é feito o plantio mecanizado, no qual são utilizadas tuberas-sementes de produção própria da fazenda.

3º- Entre 45 e 60 dias após o plantio, é feita a montoa, etapa que garante qualidade e padronização do inhame.

4º- A colheita é feita quando a planta atinge maturação, período de 180 a 240 dias após o plantio.

5º- Após a colheita, é feito o preparo do produto para venda. O tubérculo é lavado, selecionado e embalado.

**ATUALMENTE,
OS IRMÃOS
KRAUSE
COMERCIALIZAM
COM TODO
O BRASIL**

→ **Inhame Dedo**- Em sacos de 18kg e 20kg.

→ **Inhame Dedo Fino**- Também conhecido como miúdo, é comercializado em sacos de 18kg.

→ **Inhame Cabeça**- O inhame cabeça pode ser dividido em dois padrões de tamanho, o cabeça e o cabecinha, e é comercializado em sacos de 18kg.





**RETOMADA DOS PRINCIPAIS EVENTOS NO
FORMATO PRESENCIAL AGITA CALENDÁRIO
DO SEGUNDO SEMESTRE NO ES E EM MG**

Cleomar Antônio Ghisolfi (Linhares) foi o ganhador da moto da Feira da Coopeavi em Nova Venécia



Núcleo feminino da Cooabriel mostra representatividade na Feira de Agronegócios da cooperativa

[o] ASSCOM COOABRIEL

Feiras agro voltam com público e novas tecnologias

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
safraes@gmail.com

Os meses de julho e agosto marcaram a retomada dos eventos do agronegócio no Espírito Santo e Minas Gerais. Com a pandemia da Covid-19 controlada, aos poucos, importantes feiras, concursos e exposições voltaram com tudo, atraindo milhares de pessoas, entre produtores rurais, familiares e profissionais da área.

Nos dois primeiros finais de semana de julho, a Cooperativa Agropecuária Centro Serrana (Coopeavi) deu a largada para a volta dos eventos presenciais com a realização da Feira de Negócios Agro em Nova Venécia, entre os dias 07 e 09, e em Santa Maria de Jetibá, nos dias 14, 15 e 16. O público total foi de mais de 7.000 pessoas.

A tecnologia foi o ponto alto das duas edições da Feira. Na Arena do Conhecimento e Inovação, o público teve acesso a novidades tecnológicas do agro e conteúdos relevantes para o dia a dia no campo. “Esta Feira aproxima muito o cooperado da sua cooperativa e também de novas tecnologias. Isso faz com que o produtor se sinta mais valorizado em termos de soluções que a cooperativa traz para ele no seu dia a dia”, destacou o diretor administrativo comercial da Coopeavi, Ederson Jacob.

Com um público estimado de mais de 12 mil pessoas, número seis vezes maior do que o registrado na primeira edição do evento, em 2019, a 2ª Feira de Agronegócios da Cooperativa Agrária de Cafeicultores de São Gabriel (cooabriel) movimentou mais de 194 milhões em negócios.

Realizado de 28 a 30 de julho, o evento contou com 69 expositores e um Centro de Negócios com 16 lojas da Cooabriel do Espírito Santo e da Bahia, além de seis agências financeiras: Sicoob, Sicredi, Banco do Brasil, Bradesco, Cresol e Banestes.

“A feira de 2022 teve sua missão cumprida com resultados espetaculares em todos os sentidos. Mas algo que trouxe grande satisfação foi ver as pessoas fazendo negócios para

fomentarem a sua atividade devido às excelentes condições proporcionadas. Conseguimos isso com parceiros e preços diferenciados”, disse o presidente da Cooabriel, Luiz Carlos Bastianello.

Já no início de agosto ocorreram duas outras grandes feiras: a 11ª Feira de Negócios da Cooperativa dos Cafeicultores da Região de Lajinha (Coocafé), de 04 a 06, em Minas Gerais, e a Exposul Rural, de 04 a 07, em Cachoeiro de Itapemirim. Em um ambiente totalmente pensado para levar facilidade ao dia a dia do produtor com tecnologias e inovações no campo, o primeiro evento levou o que há de mais atual em produtos e serviços.

Outro destaque da Feira foi o espaço de Dinâmicas e Mostra de Animais e a apresentação da nova cafeteria da cooperativa, a Empório Coocafé. Considerando o público das exposições nos três dias e da Coocafest, com show de Eduardo Costa, no sábado (06), o público foi de mais de 25 mil pessoas.

[o] DIVULGAÇÃO



A Exposul Rural 2022, por sua vez, mobilizou diversos segmentos da economia rural, que marcaram presença divulgando e comercializando seus serviços e produtos

[o] DIVULGAÇÃO

“Sentimento de realização. Achamos que o formato virtual nos últimos dois anos substituiria o presencial? Nunca. O pessoal estava ansioso pelo evento presencial, tanto é que temos produtores e familiares participando ativamente da nossa Feira”, disse o presidente da Coocafé, Fernando Cerqueira.

Com uma programação extensa para profissionais, produtores rurais e para o público em geral, a Exposul Rural 2022, por sua vez, mobilizou diversos segmentos da economia rural, que marcaram presença divulgando e comercializando seus serviços e produtos.

Entre as atrações dos quatro dias da Feira: exposição de animais, máquinas, implementos e serviços agrícolas; ala de cafés especiais, agroindústrias e artesanato; empreendimentos e associações de turismo; comercialização de mel, flores e plantas ornamentais; cachaças e cervejas artesanais, além de microempreendedores do ramo de alimentos.

Uma das coordenadoras do evento, Zaira de Andrade destacou três grandes legados desta edição. Na quinta-feira (04), a participação inédita das sete cooperativas de leite do Espírito



A jornalista e editora da “Conexão Safra”, Kátia Quedevez (E), mais uma vez foi a apresentadora do evento, ao lado da Superintendente do Senar ES, Letícia Toniato Simões

Santo “em um bate-papo amigável e resolutivo”, na sexta (05), o encontro de dirigentes com a retomada do Núcleo Capixaba do Girolando e, no sábado (06), o grande encontro da família rural promovido pelo Senar-ES.

“Em nome da equipe coordenadora, digo que realizar a Exposul Rural é muito gratificante. Mais do que uma feira ou um evento de negócios, ela é um espaço de conexão entre as pessoas e instituições. Só temos a agradecer”, disse Zaira.

[o] LEANDRO FIDELIS



COOCAFÉ: No stand da Vittia, as equipes mostraram as diversas opções para controle biológico de pragas e doenças, dentre elas o Meli-X Turbo, o extrator biológico da marca



Os empresários Serginho Monteiro e Edilene Garcia, mãe e filho, levaram as criações da grife Nação Café (Manhuaçu-MG), que fazem tremendo sucesso nos eventos ligados à cafeicultura



[o] LEANDRO FIDELIS



[o] ASSCOM COABRIEL

Carlos Palini, o "Carlão" (Palini Alves): Temos soluções para todos os níveis de produtores, pois nossos equipamentos se adequam à necessidade do produtor, tanto que nosso lema é 'tecnologia sem limites'. Temos parceria de mais de dez anos com a Coocafé. A Feira é muito importante na disseminação de informação e na troca de experiências com o produtor"



[o] LEANDRO FIDELIS



[o] DIVULGAÇÃO



[o] DIVULGAÇÃO

Intercooperação: A Coocafé integra o projeto "Água Limpa + Saúde", uma parceria com o Sicoob, a Fortlev e outras cooperativas de MG e ES. A iniciativa visa levar aos produtores rurais o biodigestor, um sistema de tratamento de esgoto pensado para evitar o lançamento de dejetos no meio ambiente

FEIRA DO EMPREENDEDOR TAMBÉM FOI AGRO

Além de todas as novidades e tecnologias da Feira do Empreendedor, de 12 e 17 de julho, no Pavilhão de Carapina, Serra, quem passou por lá também teve a oportunidade de conhecer mais de 30 expositores da agroindústria capixaba.

Queijos, chocolates, polpas de frutas, cachaças, geleias, antepastos, pimentas, entre outros produtos puderam ser degustados e adquiridos no Empório Capixaba. O evento foi uma realização do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Espírito Santo (Sebrae/ES).

Destinado às pequenas agroindústrias do Estado, o objetivo do espaço era mostrar os produtos feitos por empreendimentos com base na agricultura familiar. O analis-

ta do Sebrae/ES Adriano Matos comenta que o Empório Capixaba foi uma oportunidade única de comercialização e divulgação para os produtores.

“A feira foi muito importante para fazer negócios, pois além das vendas diretas para os clientes, os expositores tiveram a oportunidade de participar de rodadas de negócios para vender para padarias, confeitorias, bares e restaurantes. Além, é claro, de fazer a divulgação dos seus produtos. Quem

visitou o espaço ficou encantado com os produtos que estavam sendo comercializados no Empório Capixaba”, destaca Matos.

Ainda segundo o analista, ao longo dos anos, o Sebrae vem trabalhando com diversos setores ligados ao agro, entre eles: cafeicultura, pecuária de leite, floricultura, horticultura, piscicultura, carcinicultura, pimenta-do-reino, pimenta rosa, fruticultura, apicultura, ovinocaprino-cultura, agroindústrias de produção animal e vegetal.

■ DIVULGAÇÃO



CREA-ES PARTICIPA DA EXPOSUL E DA TECNOAGRO

O Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Espírito Santo (Crea-ES) participou recentemente de importantes eventos do agro-negócio capixaba. Em julho, a entidade marcou presença na TecnoAgro 2022, feira de tecnologia, inovação e capacitação voltada para os produtores.

O engenheiro agrônomo e presidente do Crea-ES, Jorge Silva, foi um dos palestrantes do evento com o tema “O Crea-ES e a evolução da tecnologia no agro brasileiro”. Durante sua fala, apresentou

dados do agronegócio brasileiro, além de reforçar que o Conselho tem prezado pelo aprimoramento e atualização dos profissionais para garantir o desenvolvimento tecnológico no campo.

Já no início de agosto, o órgão esteve presente também na Expo-Sul Rural 2022, em Cachoeiro, importante feira do setor no Sul do Estado. Os profissionais e representantes de empresas que passaram pelo parque de exposições da cidade durante os quatro dias do evento puderam visitar o stand do Crea-ES para tirar dúvidas, realizar procedimentos como

registro de profissionais e empresas, emissão de Anotações de Responsabilidade Técnica (ARTs) e anuidades.

“O Crea-ES, por ser uma autarquia federal que fiscaliza serviços e obras na área da agronomia, engenharia e geociências, tem também um objetivo maior que é a atualização e aperfeiçoamento profissional. E o agro está dentro desse contexto. Por isso, a atuação do Crea-ES em eventos do agro é de suma importância para levar novas tecnologias para o setor produtivo, principalmente em relação às questões agrárias e de aumento de produtividade. Orientar para que a sociedade possa ter produtos bons e limpos na mesa no dia a dia, a preços mais competitivos e, ao mesmo tempo, menores”, destaca *Jorge Silva*.



Quando ela passa a colheita acontece.

Conheça a recolhedora de café conilon semi-mecanizada Reconiflex Master Palinialves.

Obtenha maior agilidade
em sua colheita.

- Novo sistema de comando.
- Rosca de caçamba.
- Sistema de nivelamento cabeçalho.
- Sistema de nivelamento rodados.
- Redução de peso de rampa.
- Sistema de sucção/ventilação de alto desempenho.
- Elevador compacto para facilitar transporte.



Entre em contato e garanta
já a sua RECONIFLEX MASTER!

 **PALINIALVES[®]**
sempre à frente



ENTREVISTA

Tibério de ‘Pantanal’: ‘Amo de paixão o Espírito Santo!’

GUITO, INTÉPRETE DO PEÃO NA NOVELA DAS 9 DA GLOBO, CONTA COMO PASSOU A INFÂNCIA NAS PRAIAS DE MARATAÍZES E QUE FICOU ENCANTADO COM OS CAFÉS DO CAPARAÓ

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
safraes@gmail.com

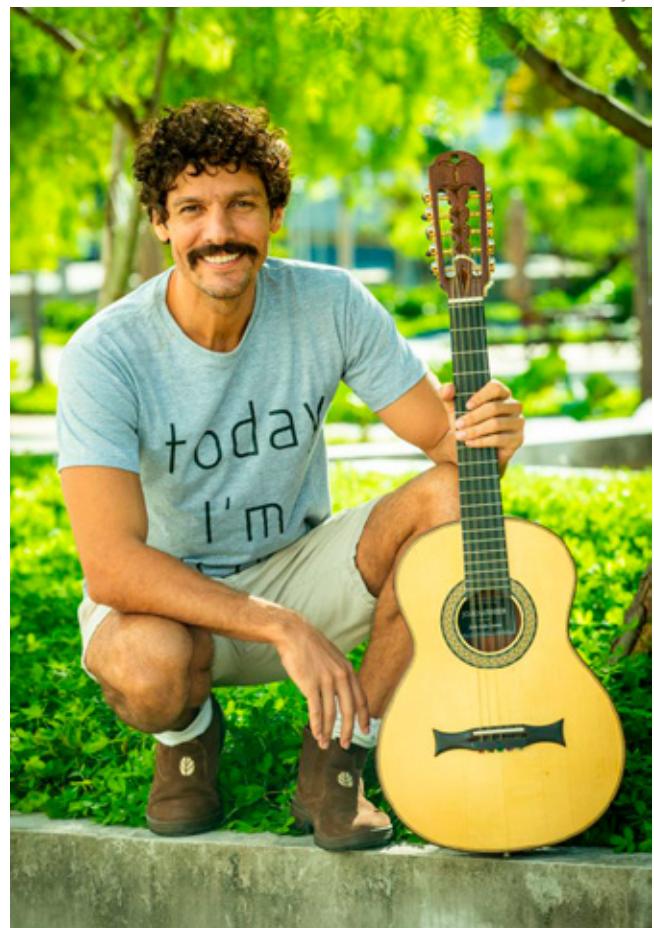
O peão Tibério é um dos personagens mais carismáticos da novela “Pantanal”. Braço direito do fazendeiro José Leôncio (Marcos Palmeiras), ele é apaixonado pela Muda e um dos talentosos violeiros na trama. As rodas de viola são um dos momentos que transportam o telespectador ao bioma brasileiro e ao universo rural típico do interior do Brasil.

O que pouca gente sabe é que Guito, intérprete da personagem, além de ator, cantor, músico e compositor é também engenheiro agrônomo de formação e vendedor. O mineiro de Lavras tem uma história para lá de aventureira, inclusive a que lhe rendeu o papel de destaque no remake da novela, originalmente exibida pela TV Manchete, em 1990. Persistente, Guito entrou em contato diretamente com o autor e a pesquisadora de elenco da obra para participar da seleção do elenco.

E como bom mineiro, Diogo de Brito Sousa, seu nome de batismo, tem boas lembranças do Espírito Santo. “Eu amo este Estado! Fiz um show este ano no Caparaó, muito café bom ali. Espírito Santo é um Estado maravilhoso e muito bonito também. Amo de paixão!”, disse em entrevista para a “Conexão Safra”.

Casado, pai de Heitor e Lara e residente do Rio de Janeiro, Guito tem 38 anos. Toca violão, viola e gaita inspirado por Almir Sater e Sérgio Reis e tem como referências Zé Geraldo, Raul Seixas e Leonardo. As suas composições “Empatia” e “Escute As Montanhas” fazem parte da bela trilha sonora de “Pantanal”.

[o] DIVULGAÇÃO



Guito planeja para breve a gravação do primeiro DVD da carreira. Confira!

Conexão Safra - Você conhece o Espírito Santo? Como somos “Praia de Mineiro”, acredito que o Estado não seja um desconhecido pra

você. Tem alguma história com os capixabas?

Guito- Conheço muito o Espírito Santo, onde estão as primeiras praias que frequentei na infância. Meu pai levava a gente lá em Marataízes uma vez por ano. Depois conheci também Vitória, a fábrica da Garoto. Fiz um

show recente no Caparaó, muito café bom ali. Adoro esse Estado! Espírito Santo é um Estado maravilhoso e muito bonito também. Muito próximo do mineiro, o capixaba parece muito o mineiro. Amo de paixão! E a comida é excepcional também.

CS- Qual é a sua relação com o agro atualmente? Sabemos que é formado em agronomia. Ainda tem espaço para a atividade paralelamente à agenda de artista? Acha que a tua formação contribuiu para desenhar o Tibério?

Guito- Minha relação com o agro é muito estreita. Hoje (sexta-feira) mesmo estou aqui na roça, na casa dos meus pais. É meu grande sonho ter minha roça, minha fazenda e criar meus boizinhos. Espero poder trabalhar para mim mesmo. Não vou ser mais consultor ou outra carreira dentro do agro, mas fazer o que o curso de agronomia propunha no início, que é fazer com que os filhos voltassem para as fazendas dos pais e conseguissem sobreviver disso. Infelizmente, hoje, na verdade, os filhos vão fazer agronomia para vender a fazenda do pai. Mas minha intenção é fazer o contrário e promover isso. Com certeza, a agronomia me ajudou demais a fazer o Tibério. Ele é exatamente um cara vivido, administrador experiente que rodou várias fazendas, teve suas comitivas, com certeza é um cara que passou por várias cidades e Estados. Foi exatamente o que vivi como executivo na agronomia. Morei em mais de 15 cidades de quatro Estados diferentes. Além do que, a proximidade com cavalo, a facilidade com



esses animais, tudo isso contribuiu muito com o papel sim.

CS- Sua história para conquistar o papel de Tibério em “Pantanal” é digna de novela. Acredita que o homem do campo ou outros profissionais deveriam ter a mesma ou-sadia na hora de correr atrás dos seus sonhos?

Guito- Claro, eu sempre gostei muito da arte, seja na música, atuações ou nos meus passeios a cavalo. Lembro que passar os finais de semana na fazenda do meu avô assistindo a novelas, inclusive a primeira versão de ‘Pantanal’, foi sempre uma paixão. Cresci pensando que queria estar no meio da arte e logo me prontifiquei de correr atrás disso, literalmente. Acredito que temos que fazer o que gostamos, buscar sempre a nossa felicidade e melhor versão.

CS- Você transmite muita verdade na pele de um peão boiadeiro. Qual foi sua inspiração para compor o

personagem e o que trouxe da vida real para viver o Tibério?

Guito- Eu e o Tibério viemos de uma mesma realidade de campo, da roça. No geral, somos muito parecidos. O único ponto que mais me distancio é na parte do coração, né? Tibério é mais aberto com emoções, agitado, preocupado. É muito bom essa ambientalização, porque coisas simples da nossa vida, como um fim da tarde com pôr do sol, caminhada ao ar livre, tudo isso molda o personagem.

CS- Essa questão da sustentabilidade que vem sendo tratada na novela (queimadas, preservação da fauna e flora). Como você vê essa questão sendo discutida pela sociedade?

Guito- A questão infelizmente é discutida de forma errada na sociedade. Há uma discussão de cima pra baixo, não paralela. Essas coisas têm que ser discutidas com planilha aberta, não há outro meio, não há atalho. A informação precisa não é fácil, ela precisa ser buscada. Costumo dizer que a melhor informação

não é a que chega até a gente. É aquela que a gente busca. Eu mesmo fiz uma pós-graduação em Aquecimento Global, há cerca de seis anos, no MIT Massachussets (EUA). Foi uma pós aberta, não tem diplomação nem nada. Apenas assisti às aulas e tive acesso aos materiais. Fiz de curiosidade devido o assunto ter tomado as pautas, fiz para entender. E logo após isso, aproveitei um material da Austrália, que já tem uma cartilha com certos protocolos de orientação para os produtores sobre a questão do aquecimento. Não discuto se é o homem que está causando, em qual nível está acontecendo. Está acontecendo, é cíclico. Já aconteceu no passado, está acontecendo de novo... Para mim o que mais importa é estarmos preparados. Estarmos preparados para secas longas, pro período de estiagem maior ou de chuvas mais concentradas, mais fortes. Eu inclusive fiz uma cartilha para produtores brasileiros para ajudar na tomada de decisão. Está amplamente mensurada a questão do aquecimento, da variação climática. Já estamos vendo os ciclos das águas mudarem, a tendência de concentrar um pouco mais as chuvas num curto período de tempo e ao mesmo tempo ter uma seca mais severa. Tudo isso é previsto e não significa que vai ser ruim. Pode ser que seja até bom dependendo da região. O Brasil é muito grande, tem muitos microclimas e biomas diferentes. Para falar verdade, o aquecimento global prevê a melhora de algumas condições e de algumas plantas em determinadas regiões do Brasil, enquanto outras regiões vão sofrer mais. Está previsto o aumento do frio. Uai, mas como se está aquecendo? Está aquecendo a média, mas a amplitude da variação está aumentando. Então a tendência é ter mais calor no verão e mais frio no inverno. No Brasil não tinha furacão, nem tornado. Agora vai ser comum. As construções rurais, os galpões, eram feitos para suportar ventos de até 200 km/h, agora começa-se a preparar para ventos de 400 km/h, porque isso é uma tendência. O Brasil é privilegiado ainda com uma região ainda muito preservada, a gente tem uma Floresta Amazônica, que é quem leva água para o interior do continente. O Cerrado só existe por causa dela, todo produtor e fazendeiro sabem disso. Todo fazendeiro do Cerrado sabe que a chuva vem do Noroeste, ou seja, é a chuva do Cerrado. A água não se desloca além de 400 km da costa em qualquer lugar do mundo, a não ser onde tem floresta. É por isso que, do espaço,

astronautas não conseguem ver a Amazônia, é porque ali existe um rio acima dela. E quem mais quer preservar a Amazônia é o próprio fazendeiro. Esse debate tem que ser feito com planilha aberta, não tem que ter paixão. Isso se discute com números.

CS- Fale um pouco dos negócios com venda de vinho, queijo e cachaça? Você mesmo que produz? Ainda mexe com isso?

Guito- Com as gravações está corrido cuidar dos negócios... Mas é algo que eu gosto muito e pretendo manter, com certeza. Abriu portas no meu caminho, depois que eu saí do meio corporativo. Os produtos são todos selecionados, coisa boa!

CS- Pensa em se tornar produtor rural? Quais culturas agrícolas despertam teu interesse?

Guito- Sim, meu grande sonho, como respondi anteriormente. Ter minha propriedade e fazer minhas próprias criações. Eu gosto muito, vou muito na linha de diversificação. Eu gosto de coisas mais robustas. Algo com manejo permanente, que demande menos funcionários, culturas mais perenes e com produtos de maior valor agregado. Essa é minha intenção.

CS- Como estão as gravações de Pantanal e qual o principal aprendizado que pretende levar?

Guito- Eu me sinto muito à vontade com a produção, o elenco e também com o personagem que tem muitas coisas em comum comigo. Acho que isso trouxe muita originalidade para o meu

papel, além de entender e ficar mais tranquilo com as gravações. Mas, acho que o que mais me surpreendeu foi a dimensão que Tibério alcançou, foi tudo muito rápido. Estou aprendendo a interagir com os encontros de fãs nas ruas, com o público nas redes sociais, esses estão sendo os maiores aprendizados.

CS- Quais são os próximos passos do Guito depois da novela? Vai continuar investindo na profissão de ator? Como está a agenda de shows, uma vez que é também violeiro?

Guito- Estou aberto a essa possibilidade, claro! Acabando as gravações, o meu maior desejo é de pegar a estrada e cantar pelo Brasil, acho que dá para conciliar. Sou muito apegado à minha vida rural, com a viola e as rodas de viola.

CS- Aqui abro espaço para um recado que queira dar aos produtores rurais e profissionais do agro capixaba!

Guito- Um abraço para todos os meus colegas, aos produtores rurais e profissionais. É um trabalho necessário!



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e ouça a entrevista com Guito

CHEGOU



O EXTRATOR BIOLÓGICO
DE NUTRIENTES DA VITTIA

MULTIPLIQUE A
PRODUTIVIDADE
DO SEU CULTIVO.

ACESSE NOSSO SITE



VITTIA.COM.BR

VITTIA

Aftosa: com fim da vacinação obrigatória, pecuaristas devem redobrar cuidados

ROSIMERI RONQUETTI
safraes@gmail.com

Em maio deste ano, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) anunciou a suspensão da vacina contra febre aftosa no Distrito Federal e em seis Estados a partir de janeiro de 2023, entre eles o Espírito Santo. A última etapa da vacinação acontece em novembro de 2022, mas isso não significa que o momento seja de descuido por parte dos pecuaristas.

O alerta é do presidente do Fundo Emergencial de Promoção da Saúde Animal do Estado do Espírito Santo (Fepsa-ES), Neuzedino Assis. Para ele, o momento atual é de transição e todos, tanto poder público, quanto os produtores, devem redobrar os esforços para que o Estado se torne livre da doença sem a vacinação.

“Vamos entrar em um período crucial de transição e ninguém faz nada sozinho. É muito

importante que todos os atores dessa cadeia produtiva se mantenham atentos. Os pecuaristas merecem reconhecimento pela conquista da suspensão da vacinação, mas devem continuar fazendo sua parte. O produtor precisa estar engajado nesse propósito, mantendo os cadastros de nascimento e morte de animais atualizados, emitam a GTA - guia de trânsito animal e comuniquem qualquer suspeita de doença. Ele deve fazer tudo como antes, só não vai mais vacinar os animais”, pontua o presidente.

Neuzedino explica que a Equipe Gestora Estadual, formada por entidades como Fepsa-ES, Serviço Nacional de

Aprendizagem Rural (Senar), Federação da Agricultura e Pecuária do Espírito Santo (Faes), Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo (Idaf), Mapa, Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), Conselho Regional de Medicina Veterinária, Assembleia Legislativa, Sindicato da Indústria de Frio do Estado do Espírito Santo (Sindifrio) e Secretaria de Estado de Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag), continuará mantendo os esforços e a união para cumprir todos os requisitos previstos pelo Mapa, pelo Programa Nacional de Vigilância para Febre Aftosa (Pnfea).

Entre as condicionantes está a manutenção e o aprimoramento do Fepsa. O presidente lembra que o motivo para algumas unidades da federação não constarem da lista de Estados com a vacinação a ser suspensa pelo Mapa, é a falta do Fundo Emergencial de Promoção da Saúde Animal.

“Os trabalhos continuam. Somos livres da febre aftosa com vacinação graças à organização da defesa animal do Estado e ao Fundo, e agora nós queremos ficar livres sem vacina. Mas para ser reconhecido assim pela Organização Mun-



[o] DIVULGAÇÃO



**_Neuzedino Assis,
presidente da Fepsa-ES**

dial da Saúde Animal temos que persistir, manter coeso o grupo gestor e fortalecer o Fundo. Os produtores precisam manter a contribuição à Fepsa para dar sustentabilidade ao mesmo, agora no presente, e também no futuro", salienta.

Neuzedino Assis lembra ainda que o Fundo não tem foco apenas na febre aftosa, mas também nos cuidados com as aves, devido à influenza aviária e nos suínos por causa da peste suína clássica.

FEPSA-ES

O Fepsa-ES é uma associação civil, sem fins lucrativos, criado com o objetivo de auxiliar na sustentabilidade das cadeias produtivas de bovinos, bubalinos, suínos e aves, no caso de ocorrência de enfermidades, ou doenças tais como: febre aftosa, peste suína clássica, newcastle e influenza aviária.

O fundo promove ações preventivas de orientação e educação sanitária aos produtores rurais, com o objetivo de fortalecer o sistema de vigilância sanitária capixaba.

O FEPSEA-ES É FORMADO POR IMPORTANTES ENTIDADES CAPIXABAS COMO:

- Federação da Agricultura e Pecuária do ES (Faes)
- Sindicato da Indústria do Frio do ES (Sindifrio)
- Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do ES (Idaf)
- Superintendência Federal de Agricultura Pecuária e Abastecimento (SFA)
- Associação dos Avicultores do ES (Aves)
- Associação dos Suinocultores do ES (Ases)
- Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB/ES)

Em maio de 2001, o Espírito Santo conquistou o "status de zona livre de febre aftosa com vacinação", reconhecido pela Organização Mundial da Saúde Animal (OMSA), tendo o Fepsa-ES um papel fundamental neste reconhecimento.

FEBRE AFTOSA

A Febre Aftosa é uma enfermidade viral, muito contagiosa, de curso agudo, que afeta todos os animais biangulados (duas unhas) e se caracteriza por febre e formação de vesículas na boca, focinho, espaço inter digital e teta. É transmitida de um animal para outro principalmente pelas vias respiratórias e também, por alimentos e água contaminada. O trânsito de animais contaminados é a forma mais comum de se espalhar a doença. Febre alta, dificuldade de comer, aftas na boca, nas tetas e entre os cascos são alguns dos estragos que a doença provoca nos animais.

LINHA DO TEMPO – EVOLUÇÃO DÀ PREVENÇÃO DA FEBRE AFTOSA

1971 • Início do Programa de Controle e Erradicação da Febre Aftosa no ES

1998 • Criação do Fepsa-ES

O Fepsa-ES foi criado para realizar ações preventivas de orientação e educação sanitária aos produtores rurais, com o objetivo de evitar a reintrodução no estado de doenças como a Febre Aftosa, vírus altamente contagioso, com impacto econômico significativo, e que acomete principalmente os bovinos, bubalinos e suínos.

1996 • Último foco de febre aftosa no ES

2001 • ES recebe o status de "zona livre de aftosa com vacinação"

Com o auxílio do Fundo, o Espírito Santo recebeu no ano de 2001 o status de zona livre de aftosa com vacinação, com o último caso positivo da doença sendo registrado há 26 anos, em 23 de abril de 1996, no município de Aracruz.

2006 • Último foco de febre aftosa no Brasil

2017 • Plano Estratégico do Mapa prevê a suspensão completa da vacinação no país até 2026

2023 • Suspensão da vacinação contra a febre aftosa no ES conforme autorização do Mapa

A vacinação é uma das principais formas de prevenção contra a febre aftosa. Ainda é obrigatória em 2022, ela contribuiu e colabora para que o estado obtenha a cobertura vacinal necessária para se tornar livre da doença sem vacinação a partir do próximo ano.

O ano de 2022, é um ano decisivo na vacinação para que o Estado alcance até 2024 o desejado status. Portanto, todo pecuarista deverá realizar em novembro deste ano, a última vacinação contra febre aftosa no Espírito Santo.

2024 • Expectativa de reconhecimento internacional (OMSA) de estado livre sem vacinação

Já o status "livre de febre aftosa sem vacinação" proporcionará a exportação a outros mercados internacionais que remuneram melhor, tais como: Estados Unidos, Japão, Coreia do Sul e Canadá.

Com eles, o ES poderá obter um acréscimo de receita na exportação, (assim como aconteceu no sul do país), em um percentual de 35%, alcançando uma maior competitividade da carne capixaba, em um mercado globalizado.

Fundo Emergencial de Promoção da Saúde Animal do Estado do ES

Mais informações: fepsa@faes.org.br ou (27) 3185-9225

Diretora da Mútua tira dúvidas sobre entidade

ROSIMERI RONQUETTI
safraes@gmail.com

Presente em todos os Estados e no Distrito Federal, a Mútua (Caixa de Assistência dos Profissionais do Crea) completa 45 anos de existência. Instituição sem fins lucrativos criada pelo Conselho Federal de Engenharia e Agronomia, em 1977, a Mútua Integra o Sistema Confea/Crea e tem a missão de atender aos profissionais inscritos nos 27 conselhos regionais de Engenharia e Agronomia do país.

Para a diretora geral da Mútua, Leila Issa Vilaça, a entidade “é o lugar em que os profissionais da área têm a certeza de que há uma instituição na qual podem buscar ajuda em qualquer momento de suas vidas. Isso se chama proteção”, diz. No cargo pelo segundo mandato consecutivo, Leila, que também é engenheira geóloga e de segurança do trabalho, afirma que comemorar 45 anos é celebrar a melhoria da qualidade de vida dos seus associados.

“Chegar aos 45 anos é celebrar os avanços obtidos no que temos como norte: a melhoria da qualidade de vida do nosso associado. O estar pronto para auxiliá-lo nos mais diversos momentos da vida e das mais variadas formas, ou seja, cumprindo nosso papel institucional”, pontua a diretora. Na entrevista a seguir, Leila fala sobre os benefícios de profissionais da engenharia se associarem à Mútua.

Conexão Safra: O que significa para você estar à frente de uma instituição com tantos anos e tão representativa para os profissionais da área?

Leila: Um sentimento de orgulho por pertencer a uma Instituição que tanto faz pelos profissionais da engenharia no Brasil. Também sinto que há reconhecimento pelo trabalho que desenvolvo, uma vez que estou no segundo mandato consecutivo como diretora geral. Esse reconhecimento eu compartilho com as

[o] DIVULGAÇÃO



**Diretora geral da Mútua,
Leila Issa Vilaça**

de Vantagens. Quanto aos benefícios e seguros de vida, após 12 meses de associado. E a própria Mútua informa ao profissional quando se aproximam os 12 meses, ou seja, findado o prazo de carência.

Conexão Safra: O que a Mútua oferece aos seus associados?

Leila: Benefícios reembolsáveis, auxílios e seguros nas áreas social, previdenciária, desenvolvimento de carreira, saúde e qualidade de vida.

administrações anteriores, que foram responsáveis pelos avanços até chegarmos aqui.

Conexão Safra: Vamos falar sobre a instituição. O fato de ser engenheiro, agrônomo ou profissional da geociências, já faz do profissional um beneficiário da Mútua?

Leila: Não. O profissional deve escolher ser mutualista, conforme a lei de criação da Caixa de Assistência dos Profissionais do Crea -Mútua, a de nº 6.496/1977.

Conexão Safra: Após ser associado da Mútua, existe algum prazo de carência para o beneficiário ter acesso aos benefícios?

Leila: Não há prazo de carência para os descontos e participação no Clube

Conexão Safra: Por que é interessante para o profissional dessas áreas ser um associado da Mútua?

Leila: As vantagens são inúmeras e vão desde itens como acesso a um Clube de Vantagens de caráter nacional, com descontos em lojas, cursos, hotéis, farmácias; a uma previdência complementar exclusiva para os profissionais da engenharia, com rentabilidade superior às demais que estão no mercado; e seguro saúde exclusivo da Unimed, contratado pela Mútua nacional para atender o profissional em qualquer lugar do Brasil. E por fim, ele fortalece a Caixa de Assistência que é dele, é nossa, é do profissional que recolhe a Anotação de Responsabilidade Técnica dos seus trabalhos.

RuralturES 2022 movimenta quase R\$ 2 milhões

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
safraes@gmail.com

A 2ª edição da Feira Estadual de Turismo Rural (RuralturES 2022), realizada de 15 a 18 de setembro, em Venda Nova do Imigrante, entrou para a história das Montanhas Capixabas e do Espírito Santo com recordes de público e movimentação financeira.

Segundo o Montanhas Capixabas Convention & Visitors Bureau, entidade organizadora, 34.253 pessoas compareceram ao Centro de Eventos Padre Cleto Caliman, o “Polentão”, gerando quase R\$ 2 milhões em vendas diretas. Por conta do sucesso, o público e os expositores sugeriram que RuralturES aconteça em dois finais de semana em 2023. A terceira edição está prevista para setembro.

Tendo o “Turismo de Experiência” como tema, a RuralturES 2022 foi promovida pelo Convention com correalização do Sebrae-ES, Agrotures e Prefeitura de Venda Nova do Imigrante, patrocínio do Sicoob-ES e apoio da Setur-ES, Senar-ES e Senac-ES e Ifes.

A RuralturES contou com 192 espaços e 819 expositores de Norte a Sul do Estado.



[o] M&A PRODUTORA

Empreendedores de 29 municípios, incluindo da Grande Vitória, Caparaó e Extremo Norte, representaram diferentes regiões turísticas capixabas no evento.

Além disso, a programação teve mais de 20 atrações culturais, dentre shows com cantores regionais e apresentações de bandas marciais e de danças folclóricas; 25 aulas show na “Cozinha Show”, que este ano teve foco em experiências com gastronomia típica; e mini fazendinha.

Destaque também para o pouso da tropa da 15ª Expedição Tropeira. Depois de percorrerem 120 km pela Rota Imperial a partir de Durandé (MG), 30 tropeiros de 17 municípios do Espírito Santo e Minas Gerais chegaram sob aplausos ao “Polentão” no sábado (17).

“A RuralturES 2022 superou e muito a edição anterior em número de expositores, em público e, principalmente, em visibilidade. Muitas pessoas demonstraram interesse em participar da nossa Feira, mas não tinha mais vagas. O pensamento é crescer para o próximo ano. Agradeço a todos que confiaram no trabalho do Convention para organização do evento”, avalia o presidente do Conselho Curador do Convention, Valdeir Nunes.

O superintendente em exercício do Sebrae-ES, José Eugênio Vieira, disse acreditar que o evento está construindo um legado para o turismo capixaba. “Chegamos ao final da 2ª edição da RuralturES satisfeitos com os resultados alcançados e certos que fizemos uma entrega relevante tanto para os empreendedores, que tiveram a oportunidade de realizar negócios; quanto para os visitantes, que puderam conhecer a diversidade de produtos e serviços ofertados pelo segmento de turismo. Ampliamos a participação de empreendedores de todo o Espírito Santo, consolidando a feira como um evento estadual”.

VISITANTES E EXPOSITORES SUGEREM EVENTO EM DOIS FINAIS DE SEMANA EM 2023



MOSTRAR OS VALORES DO AGRO PARA AS NOVAS GERAÇÕES E MOTIVAR A ADMIRAÇÃO PELOS PRODUTORES. Esse é o nosso desafio.



Apoio Institucional



Parceiros



Apoio de Mídia



Animais silvestres em cativeiro

FERNANDA ZANDONADI
 safras@gmail.com

A criação de animais silvestres é um tema controverso, cheio de nuances. Se por um lado a conservação da fauna brasileira é cláusula pétreia da sustentabilidade ambiental, por outro, a não regulamentação da criação comercial desses animais em cativeiro pode ser uma porta aberta para a clandestinidade. Longe dos olhos da fiscalização, os animais podem sofrer maus tratos e serem vítimas de tráfico.

E o Espírito Santo pode ter bons aliados no combate ao que está às margens da lei: os criadores comerciais de animais silvestres. Com a atividade regulamentada e devidamente fiscalizada, promove-se o desenvolvimento regional, com uma ampliação dos horizontes do agronegócio. Nesse caso, animais criados em ambiente doméstico dão lugar àqueles apreendidos na natureza de forma ilegal. Famílias poderão diversificar a criação e gerar renda em pequenos territórios.

Além disso, há o desenvolvimento de toda a cadeia periférica aos criatórios, como laboratórios, consultórios veterinários e fábricas de ração. O Estado também se beneficia na medida em que o desenvolvimento de novas cadeias produtivas aumenta a capacidade de arrecadação e de investimentos públicos.

Hoje, no Brasil e no Espírito Santo, há a licença para criador amador. Isso significa que, observadas todas as regras, é possível ter exemplares da fauna silvestre em cativeiro e, se for o caso, doá-las, não vendê-las. No Estado, por exemplo, são 30 mil criadores amadores cadastrados. O número de amadores pode ser maior, já que o levantamento foi feito pelo Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema) em 2016.

Há criatórios comerciais, mas só podem operar aqueles que se cadastraram antes de 2007. Devido à ausência de legislação específica, novos criadouros comerciais estão impedidos de serem abertos em diversos Estados brasileiros desde então, como é o caso do Espírito Santo, que possui apenas dois criadouros comerciais de aves silvestres com licença de operação.

■ FOTOS: DANIL MONTE-MOR/DIVULGAÇÃO



E para ser um criador ambiental ou comercial de animais silvestres, há um processo de licenciamento ambiental que precisa ser seguido à risca. Essa legislação já existe. Mas falta, agora, saber quais animais entram nessa categoria e podem ser criados em cativeiro não apenas de forma amadora, mas para comercialização.

Essa categorização até foi tentada em 2007. O Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) publicou a Resolução nº 394/07, que estabeleceu um prazo de seis meses para regulamentar quais animais

silvestres seriam passíveis de comercialização. A lista envolveria, por exemplo, répteis (jacarés e cobras, para consumo de carne, couro e produção de soro antiofídico), mamíferos (paca) e aves para gastronomia (perdiz). Entrariam também, na lista, aves criadas como animais de estimação, como trinca-ferros, coleiros, canários da terra e curiós.

Mas, 15 anos depois, essa regulamentação ainda não saiu do papel. Nem sequer entrou, na verdade. E quaisquer aberturas de novos criatórios comerciais feitas de 2007 para

REGULAMENTAÇÃO PODE GERAR EMPREGO, RENDA E AFASTAR O TRÁFICO DAS TERRAS CAPIXABAS

cá, portanto, foram indeferidas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). “Isso fere a igualdade de direitos. Não se pode dar renovação de licença para uma empresa, só porque ela foi aberta antes de 2007, enquanto impede-se que outras não obtenham essa licença. Fere a equidade de direitos civis e de pessoas jurídicas”, explica Danilo Monte-Mor, professor doutor em Administração e Contabilidade com mestrado em Economia I e membro da Associação de Criadores de Pássaros de Vila Velha.

Mas o imbróglio é ainda maior. Em 2011, a Lei Com-

plementar nº 140/11 passou para os Estados a função de fiscalizar e regulamentar - quaisquer ações envolvendo animais silvestres, sejam elas comerciais ou amadoras. Mas falta um olhar mais atento para enxergar que essa é uma questão não apenas de proteção ambiental, mas de desenvolvimento regional. “Há uma série de organizações não-governamentais que pressionam para que esses animais silvestres não sejam criados em cativeiro. Mas o que precisamos ter em mente é que a normatização da atividade coloca os criadores como aliados do Estado no combate ao tráfico de animais. E não o contrário. Todo o processo de criação é licenciado, monitorado e passível de fiscaliza-

ção. Entretanto, para termos uma ideia, somente Paraná, Rio de Janeiro e Alagoas se anteciparam ao Conama e fizeram suas listas. Estados mais conservadores, como o Espírito Santo, ainda não regulamentaram a atividade em nível comercial”.

Segundo Monte-Mor, a Instrução Normativa Iema nº 006 de 2017 regulamenta a criação amadora no Estado do Espírito Santo. Ela institui a lista de animais que podem ser criados de forma amadora e definiu critérios referentes à reprodução, número de animais, autorização de transporte, participação em torneios, entre outros. Tal Instrução Normativa estipulou o prazo de um ano para a criação de normas específicas para criador comercial de animais silvestres no Espírito Santo. Até hoje, ela não saiu.

“Fizemos uma série de ações buscando uma resolução para a questão. Mostramos que, por uma defasagem na legislação, o





Espírito Santo está perdendo uma chance de abrir novas frentes econômicas, gerando emprego e renda, com espécies que já são criadas de forma amadora”, explica o professor.

CRIATÓRIOS COMERCIAIS E ECONOMIA

A regulamentação de criatórios comerciais vai além da simples possibilidade de venda de animais, avalia o professor Danilo Monte-Mor. Ela fará o dinheiro girar ainda mais no campo e, melhor, com toda a responsabilidade, já que as regras para se manter esses animais em cativeiro e vendê-los prevê inúmeros cuidados e muita documentação. As rações que são oferecidas às aves, por exemplo, possuem todo um processo de controle de qualidade e de certificação. A rastreabilidade genética desses animais também é muito bem quista - e bem paga - por aqueles que os querem por perto. Isso significa mais trabalho para os laboratórios, veterinários e técnicos do setor. Isso falando apenas em aves de canto.

Mas se a enumeração de benesses chegar aos répteis, aves e mamíferos para a gastronomia, os ganhos são ainda mais evidentes. A venda desses animais para restaurantes e bares é realidade e, muitas vezes, as carnes precisam ser importadas de outros Estados por falta de criatórios por aqui. Para o homem do campo,

em um Estado marcado por pequenas propriedades e terras caras, é uma forma a mais de manter a renda familiar. “O entrave legal, que pode ser facilmente sanado, não deixa que se façam investimentos por aqui. Não há segurança jurídica”, enfatiza Monte-Mor.

Na prática, há uma possibilidade gigantesca de desenvolvimento sustentável quando

os criadores são parceiros do Estado. A oferta de animais com procedência também reduz a pressão pelo tráfico. A partir do momento em que os criadores se tornam parceiros do Estado, há um círculo de apoio para que essas criações sejam feitas com responsabilidade ambiental, com respeito à fauna e promoção de desenvolvimento regional.





O QUANTO SUA PROPRIEDADE RURAL É **RENTÁVEL?**

**CONHEÇA A ASSISTÊNCIA TÉCNICA
E GERENCIAL DO SENAR-ES**

O Programa AteG
existe para ensinar o
produtor a
aumentar a
rentabilidade e
produtividade
de seu negócio rural.

WWW.SENAR-ES.ORG.BR

PROCURE O SINDICATO
RURAL DO SEU MUNICÍPIO
OU LIGUE: (27) 3185-9218



SABOR DE CAFÉ NA GUERRA

Uma remessa de cafés especiais saiu das Montanhas Capixabas foi enviada para soldados ucranianos envolvidos na guerra contra a Rússia. Tratam-se de blends de grãos de produtores da região exportados por uma empresa de Venda Nova do Imigrante.

*O produto foi vendido para um comprador sueco, que o fez chegar aos combatentes por meio de um comboio que leva suplementos à zona do conflito. O café foi torrado pelo cliente na Suécia antes de seguir viagem.

[o] DIVULGAÇÃO



PRÊMIO PELA SUSTENTABILIDADE

E os capixabas continuaram sendo destaque nacional nos últimos meses. A agroindústria Da Terra Produtos Caseiros, do casal Daniela Gurgel e Thiago Delbone, de Laranja da Terra, foi uma das seis vencedoras do Prêmio Produtor Rural Sustentável, do Sicoob. A premiação, entregue em julho, em Brasília (DF), reconhece produtores comprometidos com a sustentabilidade e que atuam em conformidade com os princípios ambientais, sociais e governança.

[o] DIVULGAÇÃO



LEITE CAMPEÃO

O leite da Fiore ficou em 1º lugar na pesquisa realizada pela coluna "Vivabem", do site UOL, como o mais nutritivo e saudável do mercado brasileiro. A missão ficou a cargo de um júri composto por três nutricionistas.

CONEXÃO ES X SERGIPE

A Laticínios Damare adquiriu, no início de julho, a Sabe Alimentos, fechada desde 2019 em Muribeca (SE). O início da operação da unidade, com capacidade para processar até 500 mil litros de leite por dia, e o recebimento da primeira carga de leite estão previstos para o 1º semestre de 2023. A aquisição faz parte do projeto de expansão da Damare, que se dará também através de investimentos na fábrica de Montanha, com a instalação da primeira operação com café.

*Já o grupo sergipano Maratá planeja construir uma fábrica de café em Linhares ainda neste ano. A empresa vai investir R\$ 100 milhões no projeto, que visa consolidar o município como referência na indústria cafeeira.

PARA ALÉM DA CACHAÇA

A Reserva do Gerente (Guarapari) agora fabrica cervejas artesanais e gim. A empresa está investindo R\$ 8,5 milhões, em recursos próprios, na linha de produção. A capacidade atual é de 80 mil litros de cerveja/mês. O próximo desafio é entrar no e-commerce.



1º TRATOR AUTÔNOMO DO BR

Uma nova frente de atuação da VIX Logística, maior empresa do Grupo Águia Branca, promete expandir as operações de movimentação e transporte de cargas. Trata-se do Viva - VIX Veículo Autônomos, uma nova linha de negócios da empresa, que traz o "Galileu", primeiro veículo brasileiro autônomo cujo objetivo é tracionar cargas de altos volumes.

*Desenvolvido no ES, o Galileu possui nível 4 de automação, o mais próximo da robotização total e funciona com comandos e limites previamente definidos para a movimentação de cargas de volume acima de 80 toneladas. O trator está apto para atuar inclusive no agronegócio.

ESCAMBO DIGITAL COM ARÁBICA

Depois do conilon, a plataforma digital da startup capixaba Conta Café passou a incluir negociações com café arábica. O modelo de negócio conecta exportadoras de café, distribuidoras de insumos e cafeicultores. Campeã da 1ª edição do reality show Espírito Startups, a Conta Café espera ampliar o faturamento em 40% ao ano.

[o] REPRODUÇÃO



MELHOR CRIADOR DE GIROLANDO

Em junho, Bruno Vivas, de Mimoso do Sul, conquistou quatro títulos da 17ª Megaleite, em Belo Horizonte. Além de melhor criador de Girolando 1/2 Sangue e 2º melhor expositor CCG do evento, ele sagrou-se melhor criador e expositor do ranking da Associação Brasileira dos Criadores de Girolando. O feito é inédito para um produtor de leite do Espírito Santo.



“Muita oração, pouca cachaça”: jovem brasileira entrega garrafinha de pinga ao Papa Francisco

ESTADO DE SÃO PAULO

safraes@gmail.com

Uma jovem brasileira teve uma atitude um tanto quanto inusitada ao encontrar o Papa Francisco, no Vaticano, em agosto deste ano. Cristina Chaim, de 32 anos, entregou ao pontífice uma garrafinha com cachaça, uma forma de retrucar carinhosamente uma brincadeira feita por ele no ano passado de que no Brasil “é muita cachaça e pouca oração”.

Católica, Cristina faz parte do grupo de jovens de uma igreja que já planejava uma

audiência no Vaticano desde 2018. Entre as 180 pessoas presentes, muitas levaram mimos ao Papa, como crucifixos, terços e imagens.

“Mas desde a declaração do pontífice, sabia que tinha de levar-lhe uma pinguinha. Levei na mala uma garrafa de 200 ml de cachaça mineira com o rótulo da marca fictícia Muita Oração – Pouca Cachaça e um cartão com a mesma frase e a

bandeira do Brasil”, contou a cristã à coluna Direto da Fonte, do jornal Estadão.

Cristina também contou como o Papa reagiu ao presente: “Na minha vez, tremia demais, deu dor de barriga. Me aproximei, mostrei o cartão e a garrafa. Ele deu uma larga risada, jogando a cabeça para trás”, lembra a jovem, que revelou a fala de Francisco: “Muito obrigado, que Deus abençoe o Brasil”.

[o] REPRODUÇÃO





Cooperar é conectar histórias



O cooperativismo capixaba une milhares de pessoas em torno de um mesmo objetivo: transformar o mundo em um lugar mais justo, feliz, equilibrado e com melhores oportunidades para todos



Quer saber mais sobre esse modelo de negócio?

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code



Sistema OCB/ES
FECOOP SULENE - OCB/ES - SESCOOP/ES

SENAR-ES, A MAIOR ESCOLA DA TERRA, COMPLETA 29 ANOS

Noite de celebração, com direito a festa e bolo. Assim foi a comemoração dos 29 anos do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Espírito Santo - SENAR-ES, que aconteceu na noite de sexta-feira (16/09), no Ilha Buffet, em Vitória. O evento contou com a presença de mais de trezentas pessoas, incluindo autoridades do agronegócio capixaba, do Governador do Estado do Espírito Santo, Renato Casagrande e colaboradores do Sistema FAES/SENAR-ES.

Durante a cerimônia, a nova diretoria para 2022-2026 da Federação de Agricultura e Pecuária do Espírito Santo - FAES, também foi apresentada em uma solenidade de posse simbólica. O presidente da FAES, Júlio Rocha deu as boas-vindas à nova diretoria. "O protagonismo e representatividade da FAES em todo o estado continuará a ser representado pela nova diretoria e além disso, os bons projetos que são resultado do trabalho de diretores, presidente e vice-presidente também continuarão a ser executados", pontuou.

No momento solene do evento, a superintendente

do SENAR-ES, Letícia Toniato Simões, destacou em seu discurso a importância do Sistema para todas as famílias rurais capixabas. "Ao longo de quase três décadas de trajetória, nós ajudamos a construir um futuro cheio de conhecimento, inovação e tecnologia no dia a dia de cada produtor e produtora rural capixaba. E com a missão de levar conhecimento, contribuímos para um cenário de desenvolvimento da produção sustentável e competitividade no campo", afirmou.

Para fechar essa noite especial de comemoração, não poderia faltar um bolo e parabéns para o SENAR-ES. Com isso, toda a diretoria da FAES e presentes no evento, cantaram parabéns especialmente para o Sistema e deram início a uma festa especial.

TRAJETÓRIA DO SENAR-ES

Além de comemorar 29 anos de existência, o SENAR-ES tem uma longa trajetória de resultados no campo. Com a missão de realizar educação profissional, o Sistema já capacitou cerca de 1 milhão pessoas em treinamentos diversos, contribuindo para a formação de trabalhadores rurais do Espírito Santo.



Júlio Rocha, presidente da Federação de Agricultura e Pecuária do Espírito Santo - FAES, durante discurso de posse



Letícia Toniato Simões, superintendente do SENAR-ES durante discurso de homenagem ao SENAR-ES

O Programa de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), que ensina ao empreendedor rural a tornar a propriedade mais rentável e produtiva, já ajudou mais de 2 mil produtores das mais diversas culturas em 62 municípios capixabas, desde o seu início em 2015.

Nova diretoria de 2022-2026 cantando parabéns para o SENAR-ES

Foto oficial da Posse Simbólica da nova diretoria para 2022-2026 da FAES





Saneamento transforma

É um compromisso que nos
conecta a cada cachoeirense.

BRK

Saneamento para
muito além do básico.



Linhares se **transforma**
e a **vida** dos seus **moradores**
também.

Linhares não para.

**Uma cidade que transforma
a vida das pessoas todos
os dias.**

**Uma gestão comprometida
com as contas públicas que
promove o desenvolvimento
econômico e a qualidade de
vida dos seus moradores.**

Assim é Linhares.

**Uma cidade sustentável,
organizada e de
gente feliz.**



Prefeitura
de Linhares



Saiba mais em:
linhares.es.gov.br

prefeituradelinhares@prefeituradelinhares.com.br